

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Marcelo Jorge Pereira Ribeiro

**O Globo Rural e a Comunicação no Campo**  
um estudo da recepção realizada pelos pequenos produtores

Juiz de Fora  
2005

MARCELO JORGE PEREIRA RIBEIRO

O GLOBO RURAL E A COMUNICAÇÃO NO CAMPO  
um estudo da recepção realizada pelos pequenos produtores

Projeto Experimental apresentado como requisito  
para obtenção da graduação em comunicação  
social na Universidade Federal de Juiz de Fora.  
Orientador: Prof. Dr. Ernani Ferraz

Juiz de Fora  
2005

MARCELO JORGE PEREIRA RIBEIRO

O GLOBO RURAL E A COMUNICAÇÃO NO CAMPO  
um estudo da recepção realizada pelos pequenos produtores

Projeto Experimental apresentado como requisito  
para obtenção da graduação em comunicação  
social na Universidade Federal de Juiz de Fora.  
Orientador: Prof. Dr. Ernani Ferraz

Data de aprovação

---

Orientador: Prof. Dr. Ernani Ferraz

---

Convidada: Prof. Dr. Cristina Brandão

---

Convidado: Prof. Álvaro Americano

Juiz de Fora  
2005

Dedicado a Lêda Maria Pereira Ribeiro, minha amada mãe. Seu exemplo de vida me ensinou que a fé e o amor podem vencer o mundo, e que um simples e sincero sorriso é capaz de fazer toda a diferença.

A você, mãe, a minha gratidão pelo carinho, pela dedicação, pelo comprometimento, pelo amor e pelo incentivo, sentimentos tantas vezes expressados em apenas uma frase: “vai dar certo, em nome de Jesus!” Quanta saudade...

E é na sua lembrança, mãe, que buscarei forças para superar os novos desafios que estão por vir. Te amo!

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo amparo, sempre me guardando durante toda a jornada.

À minha família, presente em todos os momentos, por compartilhar e tornar possível este sonho.

À Janaina, que exercitou sua paciência, me ouvindo falar sobre este trabalho durante dias e dias... com quem também troquei muitas idéias.

Ao Ernani, pela ajuda e dedicação.

Ao José Renato da EMATER, à Dona Maria Célia, ao Seu Geraldo Tostes, ao Seu Olivier de Paula Campos, a Jakeline de Sousa, e a tantos outros que contribuíram de forma tão expressiva para a execução deste projeto, o meu agradecimento.

Finalmente, quero agradecer aos moradores das localidades de Pirapetinga e Penido, pela acolhida e brilhante participação. Obrigado por tudo!

## SINOPSE

Estudo de recepção sobre a audiência enquadrada no contexto da agricultura familiar em relação ao Globo Rural com o objetivo de verificar qual a leitura que esta determinada audiência faz do programa.

Palavras-chave: recepção, campo, agricultura familiar, Globo Rural, mediação.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

#### **Capítulo I: A RECEPÇÃO E AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO**

- 1.1 PARADIGMA FUNCIONALISTA-PRAGMÁTICO
- 1.2 PARADIGMA CONCEITUAL OU CRÍTICO-RADICAL
- 1.3 MODELO CULTUROLÓGICO
- 1.4 MODELO TEÓRICO MEDIATIVO

#### **Capítulo II. 25 ANOS DE GLOBO RURAL**

- 2.1 A EDIÇÃO DE DOMINGO EM NÚMEROS
- 2.2 A ESTRUTURA PADRÃO
- 2.3 CONTEÚDO DAS MATÉRIAS

#### **Capítulo III. O UNIVERSO PESQUISADO**

- 3.1 PANORAMA AGROPECUÁRIO DE JUIZ DE FORA
- 3.2 A AGRICULTURA FAMILIAR EM JUIZ DE FORA
- 3.3 A ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES DE PENIDO
- 3.4 OS GRUPOS PESQUISADOS

#### **Capítulo IV. O CAMINHO DA ROÇA**

- 4.1 A ESCOLHA DE PENIDO
- 4.2 O TRABALHO EM PENIDO

#### **Capítulo V. ANÁLISE DE RESULTADOS**

- 5.1 ACESSIBILIDADE
  - 5.1.1 HORÁRIO
  - 5.1.2 LINGUAGEM
- 5.2 APRENDIZAGEM
- 5.3 INFORMAÇÃO
- 5.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO

### CONCLUSÃO

### BIBLIOGRAFIA

### ANEXOS

ANEXO 1: EDIÇÃO DE 30 DE OUTUBRO DE 2005

ANEXO 2: EDIÇÃO DE 06 DE NOVEMBRO DE 2005

## INTRODUÇÃO

A agropecuária sempre ocupou um papel de destaque ao longo da história do país. Os portugueses não demoraram muito para descobrir o potencial produtivo de nossas terras. No período colonial, eles introduziram um sistema de produção enquadrado nos padrões do Mercantilismo, voltado para a exportação, baseado na monocultura, no latifúndio, na mão-de-obra escrava e no chamado pacto colonial.

Atualmente, com exceção da mão-de-obra escrava e do pacto colonial, o sistema permanece praticamente o mesmo, ou seja, a posse da terra continua concentrada, a monocultura ainda impera e a exportação não deixou de ser o principal objetivo.

Apesar da crescente importância da indústria nacional, da urbanização e de outros fatores que contribuíram para que a população brasileira passasse de rural a predominantemente urbana, com mais de 80% dos brasileiros vivendo nas cidades, os grandes produtores conservaram seu poder.

A estes, devido a sua importância, é oferecido um mundo de informações sobre os mais diferentes assuntos ligados ao campo através dos serviços de consultoria, das novas tecnologias e da mídia especializada (publicações, programas de TV, etc.) entre outros.

Neste sentido, outro público que é bem atendido é o público urbano. Tanto a indústria quanto a mídia atuam de forma significativa, oferecendo produtos capazes de proporcionar uma sensação de proximidade com o campo, com o meio rural. Pois, em função do ritmo de vida acelerado das grandes cidades, o campo, muitas vezes, é visto como uma alternativa de fuga.

Porém, como se dá essa oferta, especialmente no caso da mídia, quando se pensa no pequeno produtor? Em propriedades assim, não é raro encontrarmos toda a família

envolvida no processo de produção. Logo, não é sempre que tais trabalhadores encontram tempo para se sentarem em frente à TV durante o dia. É fato que as novas tecnologias – até as mais simples, por exemplo, o telefone celular e as antenas parabólicas – estão eliminando muitas barreiras, inclusive no campo. Contudo, acreditamos que este processo está apenas se iniciando.

O que buscamos entender no presente trabalho é a relação existente entre os pequenos produtores e um programa de TV que durante os seus 25 se consolidou como o mais tradicional de seu segmento, o Globo Rural. Este afirma ter como público alvo os pequenos e médios produtores. Mas qual será a leitura que esses produtores fazem do programa, especialmente no caso dos pequenos?

Para respondermos a esta pergunta iniciaremos o estudo com uma breve revisão bibliográfica acerca do papel da recepção ao longo de algumas teorias da comunicação. No capítulo “A recepção e as teorias da comunicação”, abordaremos a mudança de perspectiva em relação ao receptor, da passividade, afirmada pelos funcionalistas e frankfurtianos, passando pela teoria culturoológica, considerada, sobre certos aspectos, precursora de um modelo teórico-receptivo, chegando, por fim, ao modelo teórico-mediativo, para o qual os receptores são muito mais do que apenas recebedores de mensagens. Pertencente a esta corrente, o pensamento de Jesús Martín-Barbero nos serviu como base teórica neste projeto. A princípio, tínhamos planejado empregar também alguns conceitos de Guillermo Orozco, todavia, optamos por trabalhar somente com Barbero, por acreditar que suas idéias sejam mais adequadas aos objetivos desta pesquisa.

No capítulo “O universo pesquisado”, faremos um traçado da agricultura familiar no Brasil. Através de dados extraídos do Censo Agropecuário 1995/96, abordaremos alguns pontos como a distribuição das terras e as principais atividades exercidas pela agricultura familiar. Faremos ainda um panorama agropecuário de Juiz de Fora, mostrando a

diversidade da produção local. Depois, mostraremos o caminho percorrido na procura de um conceito de agricultura familiar que nos ajudasse a delimitar o nosso campo de pesquisa. Tendo como referência o conceito utilizado pela EMATER, realizaremos um pequeno balanço da agricultura familiar em Juiz de Fora.

Nossa pesquisa foi desenvolvida junto às Associações de Produtores das localidades de Pirapetinga e Penido, ambas pertencentes a Juiz de Fora. A primeira nos serviu como pré-campo. A segunda constitui, portanto, a base das informações utilizadas neste projeto. Assim sendo, ainda neste capítulo, contaremos um pouco da história desta Associação e o perfil geral dos cinco grupos familiares pesquisados e de suas respectivas propriedades.

Em “O caminho da roça”, descreveremos todos os passos dados na pesquisa. Começaremos pelos contatos iniciais com a SAA (Secretaria de Agropecuária e Abastecimento da prefeitura de Juiz de Fora) e a EMATER. Em seguida, falaremos sobre algumas vantagens, neste caso, de se trabalhar com pecuaristas de leite. Contaremos um pouco sobre o nosso contato com a Associação de Produtores de Pirapetinga, onde levantamos certas questões que nos ajudaram a direcionar o projeto, abordando também alguns pontos importantes de logística. Baseados nestes pontos, justificaremos a escolha de se atuar na Associação de Produtores de Penido. Depois, discorreremos sobre como foi a pesquisa nesta Localidade, falando sobre o trabalho de campo, das dificuldades enfrentadas e soluções adotadas para diferentes problemas, terminando com uma rápida descrição das outras etapas do projeto.

Em “25 anos de Globo Rural”, trataremos da história do programa, sobre o público alvo, o seu sucesso alcançando o maior índice de audiência nas manhãs de domingo. Mostraremos o perfil dessa audiência e a área de cobertura do programa. Falaremos um pouco da estrutura do Globo Rural e finalizaremos com uma descrição de duas edições dominicais.

Por último, no capítulo “Análise de resultados”, faremos uma comparação entre os dados obtidos no campo e os dados obtidos com a observação sobre o Globo Rural. Levantaremos alguns pontos vitais para a compreensão da leitura que os produtores fazem do programa, como o acesso, a aprendizagem, a informação e a visão que os grupos têm do Globo Rural.

Este projeto, além de contribuir para a agregação de conhecimentos ao campo da comunicação social sobre o trabalhador rural, principalmente no que diz respeito aos estudos da recepção, pode, de acordo com os resultados, mais do que apontar falhas ou virtudes no processo de informação rural, resultar em sugestões de melhoria na relação entre a mídia (a TV, neste caso) e o pequeno produtor, num esforço de colaboração com uma das principais preocupações do comunicador social, a questão da inclusão.

– Capítulo I –

## A RECEPÇÃO E AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

Comunicar é uma necessidade do ser humano. Em qualquer época, a comunicação desempenha um papel vital para a convivência e reprodução de todos os grupos sociais.

Estudar a comunicação não é uma tarefa recente. Já no século III aC, o filósofo grego, Aristóteles, estudava a comunicação interpessoal dirigida para determinada audiência. Os estudos sobre a retórica desenvolvidos pelos sofistas enfatizavam a transmissão da informação como processo de persuasão, composta por três elementos básicos: locutor, discurso e ouvinte (MELO, 1998).

Contudo, somente no início do século XX vão surgir as primeiras preocupações em estudar os fenômenos da comunicação e as novas tecnologias na sociedade urbana industrial. Ao longo daquele século, influenciadas por diversas correntes de pensamento, as

pesquisas de comunicação de massa conviveram permanentemente com dificuldades de estabelecer o seu objeto. Os estudos ora eram centrados nos meios, na cultura de massa, na propaganda, na publicidade, nos efeitos, na forma como as mídias constroem a realidade social, ora investigavam a comunicação, isto é, os processos comunicativos (TOSHI, 2005).

Em seu ensaio “A atividade do receptor, um modo de se conceber as relações entre Comunicação e Poder”, Itânia Gomes considera que a investigação sobre comunicação, no tocante ao relacionamento entre media e receptores, pode ser dividida em “Estudos dos efeitos” e “Estudos da Recepção”.

O primeiro grupo compreenderia os estudos que concebem o processo comunicativo como a produção e transmissão de um estímulo, realizadas por um emissor dotado de intenções e objetivos, e a produção de impacto sobre determinado público.

O segundo, os estudos que buscam entender o lugar do receptor no processo comunicativo dentro da perspectiva de sua (do receptor) atividade, ou seja, negando, portanto, as concepções que o entendem como passivo. Para tal grupo, a relação entre os meios e os receptores não é de mero efeito de uns sobre os outros.

A seguir, abordaremos a mudança de perspectiva referente à recepção através de diferentes teorias da comunicação.

### 1.1 PARADIGMA FUNCIONALISTA-PRAGMÁTICO

No início do século XX, mais especificamente entre 1900 e 1930, período compreendido entre as duas guerras mundiais, portanto, dentro de um contexto de crescimento industrial, ampla difusão dos meios de comunicação de massa e expansão dos regimes totalitários, ganhou força a convicção de que as pessoas obedeciam a automatismos comportamentais no trabalho e na sociedade.

A mídia, considerada como o único meio capaz de comunicar algo à massa composta de indivíduos isolados, era vista como uma “seringa”, “injetando informações, inoculando idéias, minando resistências e submetendo vontades à Vontade” (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p. 84). Foi proposto, então, o modelo teórico da agulha hipodérmica, que relegava ao receptor uma condição de total passividade frente à sedução exercida pelos meios de comunicação de massa. Todavia, este modelo não gozou de maior prestígio científico.

Na década de 1940, surge nos Estados Unidos o paradigma funcionalista-pragmático. Este tinha o positivismo e o pragmatismo como base filosófica, e por método, a investigação empírica. Fazendo uma comparação entre o corpo humano e o corpo social, os

funcionalistas afirmavam que os indivíduos e as instituições operam funcionalmente para a manutenção da ordem social.

No campo da comunicação, os funcionalistas estudaram a influência e os efeitos dos meios de comunicação na sociedade, com o intuito de avaliarem o alcance psicossocial dos meios de difusão coletiva. Era preciso conhecer as intenções do emissor, suas (dele) mensagens e a simbologia destas para se corrigir “disfunções sociais”. Ao mesmo tempo, o behaviorismo e pragmatismo davam fôlego a idéias de que o ser humano poderia ser condicionado através do uso de estímulos.

Com relação ao receptor, “interessava conhecer seus modos próprios, suas preferências e suas predisposições, na medida em que, de posse desses dados, fosse possível retomar, para corrigir a emissão feita” (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p. 87).

## 1.2 PARADIGMA CONCEITUAL OU CRÍTICO-RADICAL

Na contramão do paradigma funcionalista-pragmático, que se desenvolvia nos Estados Unidos, surge na Alemanha um movimento intelectual que passou a ser conhecido como teoria crítica. Esta se identificava com o grupo de pensadores conhecidos por freqüentarem a chamada Escola de Frankfurt.

A teoria crítica se rebelou contra as disciplinas setoriais por as julgarem subordinadas à razão instrumental, e, portanto, por elas atuarem a favor da manutenção da ordem social. Para os frankfurtianos, a racionalidade técnica submetia as pessoas à ideologia das classes dominantes.

Na berlinda também estavam os meios de comunicação de massa. Aos meios era atribuído o “papel de toda a onipotência, responsabilizando-os, em última instância pela reprodução das ideologias” (NETO, 1995, p. 190), vistos, conseqüentemente, como os

grandes propagadores das ideologias próprias às classes dominantes, impondo-as às classe populares pela persuasão ou manipulação.

Trabalhando com o conceito de indústria cultural e os efeitos dos *mass media*, estes pensadores acreditavam que qualquer produto cultural – filmes, programas de rádio, TV, etc. – obedeciam às mesmas normas aplicadas a qualquer outra mercadoria. A padronização, uniformização e repetição adotadas na produção industrial de bens simbólicos tornavam semelhantes os padrões de gosto. Devido a sua ubiqüidade, repetitividade e estandardização, a cultura de massa se tornara “um meio de controle psicológico inaudito” (SANTAELLA, 2002, p. 39).

Em outras palavras, os teóricos de Frankfurt acreditavam que o sistema tecnocrático industrial teria capacidade de condicionar os processos de consumo e de comunicação, levando os indivíduos a uma ausência de opiniões próprias, com a adesão acrítica aos valores impostos. De acordo com Adorno, o homem encontrava-se em poder de uma sociedade que o manipulava a seu bel-prazer (MARINHO; NUNES, 2004, p. 14).

### 1.3 PARADIGMA CULTUROLÓGICO

A teoria culturológica, desenvolvida principalmente na linha de pensamento francês, se voltou para o novo conceito de cultura contemporânea inaugurado pelo *mass media* (SANTAELLA, 2002). Utilizada por Edgar Morin, por volta de 1960, a expressão cultura de massa equivaleria a um “sistema de cultura, constituindo-se como um conjunto de símbolos, valores, mitos e imagens que dizem respeito quer à vida prática, quer ao imaginário coletivo” (WOLF, 1987, p. 90).

Estudando a cultura de massa e seus elementos antropológicos mais relevantes, como a relação entre o consumidor e o objeto de consumo, o paradigma culturológico confere menor importância aos meios e seus efeitos. Em contrapartida, põe em evidência as “produções significativas” da indústria cultural – dentre as quais podemos citar os filmes, os quadrinhos, a TV, destacando os setores informativo e ficcional. Morin usou o termo

“sincretismo” para traduzir a busca de um padrão comum para a diversidade de conteúdos, pois tais produções seriam destinadas a um consumo de massa.

Localizada no domínio da antropologia cultural, a teoria culturológica pode ser vista, em certos aspectos, como o prenúncio de um modelo teórico recepcional. Dentro do paradigma culturológico, destacaremos a concepção de recepção adotada pelo modelo teórico conhecido como *cultural studies*. Este admite a existência de um sistema cultural dominante e que tal sistema pode influenciar as pessoas. No entanto, ele reconhece o receptor como um ser portador de uma bagagem cultural, a qual recorre quando capta, interpreta e assimila as mensagens a ele destinadas. A interpretação dependerá da relação entre as mensagens e as situações sociais específicas do cotidiano de cada receptor (POLISTCHUK; TRINTA, 2003).

#### 1.4 MODELO TEÓRICO MEDIATIVO

Crítico do modelo mecânico da comunicação – entendido como modelo alicerçado por uma epistemologia condutista, que vê o emissor como a peça central do processo comunicativo, fundida a uma epistemologia iluminista, segundo a qual o receptor é apenas um ser vazio, onde se pode colocar o conhecimento produzido em outro lugar (MARTÍN-BARBERO, 1995) – Jesús Martín-Barbero vai recusar as idéias da teoria crítica e do pensamento marxista da comunicação. Para Barbero, não era compreensível que mensagens carregadas de uma ideologia dominante pudessem provocar uma reação despolitizada por parte da recepção, como acreditavam os frankfurtianos. Para esse pensador espanhol, considerar o processo comunicativo como uma via de mão única, que vai sempre do emissor para o receptor, é desconhecer o intenso comércio de intenções entre os dois lados. Segundo ele “a recepção não é somente um lugar de chegada, mas também de partida, ou seja, de produção de sentido” (BARBERO, 1995, p. 41). “Martín-Barbero propôs que se observasse o espaço (de natureza simbólica ou representativa) que medeia entre fonte

emissora e destinatário. Nesse intervalo, preenchido pela mensagem, encontram-se múltiplas variáveis, fazendo com que a mensagem intencionada e emitida pelo emissor possa não vir a ser a mesma captada e recolhida pelo receptor” (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p. 147).

De acordo com modelo teórico-mediativo, o receptor não é mais um mero recebedor de mensagens.

Um receptor costuma ‘reconhecer mensagens’, no sentido de que as submete, para fins de interpretação, ao crivo referente aos valores sociais que defenda, ao grau escolar que possua, à experiência de vida que tenha e à lógica de raciocínio que habitualmente adote. Pelo recurso ao código, que em algum grau de domínio tem em comum com o receptor, ele decodifica a mensagem; pelo exercício de seu repertório, ele a reconhece. Pela negociação mediadora, ele a dota de sentido (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p. 147).

Entretanto, Barbero reconhece a existência e a atuação de mecanismos de manipulação nos meios de comunicação, e que há limites sociais ao poder do consumidor. Ele alerta sobre o perigo de se “desligar o estudo da recepção dos processos de produção”. Contudo, os estudos de comunicação não podem ficar restritos a este ponto. “Temos que estudar não o que os meios fazem com as pessoas, mas o que fazem as pessoas com elas mesmas, o que elas fazem com os meios, sua leitura” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 55).

E este é o principal objetivo desse projeto. Usando como referência as considerações do modelo teórico-mediativo, e tendo como limite os parâmetros da agricultura familiar, nos propomos a analisar qual a leitura que o homem do campo faz do principal programa do segmento da TV brasileira, o Globo Rural.

## – Capítulo II –

### 25 ANOS DE GLOBO RURAL

No dia 06 de janeiro de 1980, foi exibido, pela primeira vez, o programa Globo Rural. A reportagem inaugural teve como tema a nova agricultura do cerrado, ou seja, o plantio da soja. De início, a duração era de 30 minutos. Mas a aceitação foi tão grande que, meses depois, a partir de 3 de agosto, o tempo foi aumentado para uma hora. Ainda em seu primeiro ano, o Globo Rural foi eleito o melhor programa jornalístico da TV de 1980 pela revista *Veja*.

Suas reportagens documentam a atividade agropecuária, a cultura, os costumes e tradições, paisagens de todas as regiões do Brasil. Contudo, o Globo Rural já esteve presente em várias partes do mundo, realizando matérias em todos os continentes. “A concepção do programa não se restringe a temas institucionais exclusivamente voltados à aplicação imediata na agricultura produtiva. ‘Rural’ é entendido aqui em acepção cultural que incorpora o cotidiano de quem vive no campo, com seus poetas e belezas” (HAMBURGER, 2000). No entanto, nossa meta não é avaliar o Globo Rural enquanto colaborador da cultura popular, como o fez Jakeline de Sousa, em “Globo Rural: a Cultura Popular na Mídia” (1996), a não ser, porém, que seja esta a leitura que os grupos analisados fazem do programa. Ele também funciona como uma espécie de “agenda”, informando sobre os diversos eventos ligados ao campo.

O Globo Rural talvez possa ser considerado como o principal programa do segmento na televisão brasileira, arrebatando, ao longo desses 25 anos, importantes premiações do jornalismo nacional, como o Prêmio Esso, o Prêmio Wladimir Herzog, alcançando reconhecimento dentro e fora do país.

Em 1985 foi lançada a revista Globo Rural que vem se consolidando no mercado do jornalismo impresso como uma das mais importantes publicações do gênero. No dia 9 de outubro de 2000, o programa passou a contar com versão diária, transmitida de segunda à sexta, no horário de 6 às 6h15. O objetivo deste novo formato seria informar diariamente, de modo mais preciso, portanto, sobre cotações, previsão do tempo, cobertura de eventos, entre outras. Também em outubro, foi lançado o site do programa ([www.globorural.com](http://www.globorural.com)), com informações sobre *agribusiness*.

Contudo, a edição de domingo continua sendo o carro-chefe do programa. É nela que ele atinge seus picos de audiência. De acordo com o Ibope – Ibope - Telereport (maio 05)<sup>1</sup> – em maio de 2005, mais de 7 milhões de telespectadores acompanharam o Globo Rural, um número bastante expressivo se levarmos em conta que mais de 80 % da população brasileira vive nas cidades.

Uma das possíveis explicações é o fato da crescente demanda urbana por produtos ligados, de certo modo, ao campo. Basta observar os recordes de vendas da música sertaneja, a grande audiência de novelas com temas rurais, o sucesso dos rodeios, a busca por pacotes de turismo ecológico e rural para hotéis fazenda, os isolados condomínios rurais de luxo, etc. Quando o assunto abordado pela mídia é o meio rural, a atenção do telespectador passa pelos mais diversos interesses.

Para além da rentabilidade agrícola, o que se busca é manter contato com os modos de vida no campo, e é aí que se pode começar a tecer reflexões sobre novas e antigas formas de relação do homem com a natureza, possíveis de serem apreendidas na leitura ou audiência de um veículo de comunicação, fortemente motivadas hoje, pela condição sócio-histórica do leitor ou telespectador que vive na metrópole nesta virada de século. (SILVA, 2005)

Dentro do contexto de uma sociedade modernizada, onde quase tudo tende a acontecer de forma acelerada, fato associado, muitas vezes, à própria pressão de um ritmo de

---

<sup>1</sup> Direção Geral de Comercialização. Disponível em [http://comercial.redeglobo.com.br/programacao\\_rural/gr](http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_rural/gr) (acesso em 24/10/2005)

vida frenético, é compreensível que várias pessoas sonhem com uma vida no campo, pois este passa a ser visto como um lugar em que se é livre.

Apesar dessa demanda urbana por produtos ligados ao meio rural, o programa tem no homem do campo o seu principal objetivo.

Como o público alvo do programa são os pequenos produtores e médios proprietários, semanalmente, são eles que servem de fonte para que as respostas necessárias sejam alcançadas. São produtores de grãos, de gado, hortifrutigranjeiros, criadores de peixe, dentre inúmeros outros que passam por situações delicadas em função da própria economia não só mundial, mas, principalmente, nacional... (SOUSA, 1996, p.71)

#### 4.1 A EDIÇÃO DE DOMINGO EM NÚMEROS

Ainda segundo o Ibope, o Globo Rural é líder absoluto do segmento alcançando 58% de *share* (participação no mercado), alcançando uma média de 12 pontos de audiência. Este valor é superior a soma das audiências dos dois principais concorrentes.

| <b>Programas</b> | <b>Telespectadores (000)</b> |
|------------------|------------------------------|
| Globo Rural      | 7.148                        |
| Programa B       | 1.136                        |
| Programa C       | 3.013                        |

Fonte: Ibope - Telereport (mai 05). In: Direção Geral de Comercialização. Disponível em [http://comercial.redeglobo.com.br/programacao\\_rural/gr](http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_rural/gr) (acesso em 24/10/2005)

A audiência nacional da edição dominical seguiria o seguinte perfil:

| <b>Mercado Nacional</b> | <b>Sexo</b>                       |                                     | <b>Classe</b> |     |     |
|-------------------------|-----------------------------------|-------------------------------------|---------------|-----|-----|
|                         | <b>Homens com mais de 18 anos</b> | <b>Mulheres com mais de 18 anos</b> | AB            | C   | DE  |
|                         | 44%                               | 39%                                 | 26%           | 40% | 34% |

Fonte: Ibope - Telereport (mai 05). In: Direção Geral de Comercialização. Disponível em [http://comercial.redeglobo.com.br/programacao\\_rural/gr](http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_rural/gr) (acesso em 24/10/2005)

| Mercado Nacional | Faixa etária (anos) |               |               |               |            |
|------------------|---------------------|---------------|---------------|---------------|------------|
|                  | Entre 4 e 11        | Entre 12 e 17 | Entre 18 e 24 | Entre 25 e 49 | 50 ou mais |
|                  | 11%                 | 7%            | 7%            | 46%           | 30%        |

Fonte: Ibope - Telereport (mai 05). In: Direção Geral de Comercialização. Disponível em [http://comercial.redeglobo.com.br/programacao\\_rural/gr](http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_rural/gr) (acesso em 24/10/2005)

O programa conta com ampla cobertura da principal emissora do país. Dados da Direção Geral de Comercialização da Rede Globo de 2005, mostram que, em março do mesmo ano, o canal já abrangia 97,9% dos municípios brasileiros e 99,4% dos domicílios com TV, atingindo 98,1% dos trabalhadores agropecuários, 99,3% da produção de soja, e 96,5% do total de produtores de bovinos.

#### 4.2 A ESTRUTURA PADRÃO

Uma das principais características do Globo Rural é seu dinamismo. Sua estrutura pode mudar a cada domingo. Mesmo possuindo seções fixas – as cotações da semana, a seção de cartas e os eventos, cursos e encontros que acontecem pelo país – a ordem de apresentação de cada bloco pode variar de uma edição para outra.

O que podemos delimitar, baseado na leitura do trabalho de Jakeline de Sousa, que analisou 4 programas entre os meses de abril e maio de 1996, e, principalmente, na análise das apresentações de 30 de outubro e 06 de novembro de 2005, é que o Globo Rural mantém uma espécie de configuração padrão. A edição dominical começa às 8 e termina às 9 horas. O corpo do programa é formado por 4 blocos que possuem tempos distintos de duração. O último bloco se destaca por ser bem maior do que os demais, geralmente contendo matérias especiais.

Outras características mantidas ao longo dos anos são a abertura feita na forma de *teaser*, ou seja, cada repórter faz a chamada de sua respectiva matéria, permitindo ao telespectador uma prévia dos assuntos que serão abordados, o comentário ou complementação

de informação feita por um dos apresentadores ao fim de cada matéria, e a presença no início do primeiro bloco de um mini-editorial. Este é quase sempre comentado pelo apresentador Néelson Araújo e é baseado em datas comemorativas ou em temas que se destacaram durante a semana:

As notícias sobre doenças de animais, ou transmitidas por animais agitaram a semana. Surgiram mais casos de febre aftosa; morreram duas pessoas em Itaipava, no estado do Rio, vítimas de febre maculosa; morreu um galo em Marília, São Paulo, provocando alarme por causa da temida gripe aviária. Olha, é preciso lembrar que febre maculosa é transmitida por carrapatos contaminados, é grave, mas é raríssima e tem cura. É preciso lembrar que febre aftosa praticamente não passa para o ser humano. É grave sim para a economia do país. E é preciso saber também que existem muitas doenças de galinhas com sintomas semelhantes ao da gripe aviária. Felizmente, no momento, essa gripe ainda está muito longe do Brasil. (Transcrição do mini-editorial comentado pelo apresentador Nelson Araújo em 06.11.05).

O mini-editorial “funciona como um prólogo e serve para introduzir a reportagem que será destaque no decorrer do programa” (SOUSA, 1996, p.48).

#### 4.3 CONTEÚDO DAS MATÉRIAS

A classificação de um programa de TV quanto ao gênero pode atuar como ponto de referência para o telespectador, permitindo maior facilidade na escolha do conteúdo, pois possibilita uma idéia antecipada do que deve ser apresentado. Entretanto, tal classificação deve ser maleável, pois a mesma produção pode ser encaixada em mais de uma categoria.

E este é o caso do Globo Rural. Quem assiste ao programa se depara com reportagens de caráter educativo, informativo e, inclusive, de entretenimento. Não raramente, podem ser enquadradas em uma categoria mista (informação/educação, por exemplo).

Para que se tenha maior noção sobre o conteúdo exibido, encontram-se nos anexos deste projeto as descrições das edições de 30 de outubro e 06 de novembro de 2005.

### – Capítulo III –

#### O UNIVERSO PESQUISADO

Em 2003 o país atingiu o volume mais expressivo, registrado até então, de exportações de sua história. O principal responsável por esse resultado foi o segmento agropecuário, respondendo por 44% desse total. Naquele ano, só para se ter uma idéia, dos dez produtos mais exportados, sete vieram do campo.<sup>2</sup>

No ano seguinte, o agronegócio continuou a demonstrar a sua força. Nos 10 primeiros meses de 2004, as exportações do setor tiveram crescimento de 29,5% em relação ao mesmo período de 2003. Já em 2005, mesmo enfrentando algumas dificuldades, como a febre aftosa e a concorrência ocasionada por uma supersafra mundial de soja, a balança comercial do agronegócio conseguiu bater um novo recorde. De acordo com dados divulgados pela Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), as exportações do setor chegaram a US\$ 36,2 bilhões entre janeiro e outubro deste ano. O valor é 9,6% superior ao mesmo período do ano passado (AGRONLINE, 2005).

Esses números refletem a importância da atividade agropecuária para a nossa economia. Quando pensamos neles, é comum que nos venha à mente imagens de grandes fazendas de gado, de granjas que criam milhares de frangos, de imensas plantações de soja, de cana-de-açúcar, de café, entre várias outras amplamente divulgadas por novelas, por noticiários, pela mídia em geral.

Herança de um sistema de colonização enquadrado nos padrões do Mercantilismo, essa estrutura de produção voltada para a exportação, tem suas bases na

---

<sup>2</sup> Mapa da Mina, disponível no site: [www.comercial.redeglobo.com.br/informações\\_de\\_mercado\\_mercado\\_alvo/mercado\\_intro.php](http://www.comercial.redeglobo.com.br/informações_de_mercado_mercado_alvo/mercado_intro.php) (acesso em 26/10/2005).

concentração da posse da terra, no latifúndio, na monocultura e na mão-de-obra barata, cada vez mais substituída pela mecanização. Devido a sua notabilidade econômica, essa, talvez, possa ser considerada a parte mais visível do campo.

Contudo, existe um outro lado, avesso a essa tradição rural brasileira, e que vem assumindo um papel de destaque no contexto agropecuário brasileiro no que se refere à produção de alimentos e à geração de empregos. Trata-se da chamada agricultura familiar. A definição de um conceito para agricultura familiar é algo que passa por diferentes concepções e interpretações, propostas pelas mais diversas entidades representativas dos pequenos produtores, por intelectuais que estudam o meio rural e por técnicos governamentais.

A contraposição agricultura familiar x agricultura patronal também é bastante comum, mas envolvida em muita confusão conceitual, especialmente com as noções de agricultura de subsistência e agricultura comercial. Alguns autores, por exemplo, conceituam “agricultura familiar ou pequena agricultura... como aquela realizada em propriedades de até 100 ha” (Teixeira et al, 1996), confundindo assim o modo de fazer a agricultura com o seu porte. Embora, muitas vezes, haja uma associação entre modo e porte, a falta de clareza nas abordagens pode levar a consequências no mínimo indesejáveis quando se trata de políticas públicas. (...) a agricultura “comercial” não se opõe à “familiar”, como muitos pretendem. Nesse contexto, o oposto de comercial é a subsistência ou a autarquia, “estados que nem de longe podem caracterizar a agricultura familiar contemporânea”. (...) as estatísticas oficiais não destacam a “agricultura familiar” como uma categoria socioeconômica. É por isso que muitos pesquisadores são obrigados a defini-la a partir do porte (EVANGELISTA, 2000, p. 2)

O projeto “Novo retrato da Agricultura Familiar: O Brasil Redescoberto” (INCRA; FAO, 2000) realizado em conjunto pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), iniciado em 1995, teve como desafio definir um conceito para agricultura familiar compatível com as informações fornecidas pelo Censo Agropecuário 1995/96 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), inicialmente não elaborado para este fim, mas que contém informações valiosas sobre a agropecuária. Como resultado, o estudo considerou que a agricultura familiar compreenderia a propriedade na qual o próprio produtor

exerce a direção dos trabalhos e onde há a superioridade do uso do trabalho familiar em relação ao trabalho contratado. Para evitar a inclusão de grandes latifúndios dentro do contexto das unidades familiares foi estabelecida uma área máxima regional - cuja dimensão “é determinada pelo que a família pode explorar com base em seu próprio trabalho associado à tecnologia de que dispõe” – como limite à área total dos estabelecimentos familiares (INCRA; FAO, 2000).

Tomando por base essa definição, o Censo Agropecuário 1995/96 fez o seguinte panorama da distribuição da terra por categorias da agricultura no país:

| <b>Brasil – Estabelecimentos, área e valor bruto da produção (VBP)</b> |                         |                                  |                               |                            |                          |                           |
|--|-------------------------|----------------------------------|-------------------------------|----------------------------|--------------------------|---------------------------|
| <b>CATEGORIAS</b>  | <b>Estab.<br/>Total</b> | <b>%<br/>Estab.<br/>s/ total</b> | <b>Área Tot.<br/>(mil ha)</b> | <b>% Área<br/>s/ total</b> | <b>VBP<br/>(mil R\$)</b> | <b>% VBP<br/>s/ total</b> |
| <b>FAMILIAR</b>  | <b>4.139.369</b>        | <b>85,2</b>                      | <b>107.768</b>                | <b>30,5</b>                | <b>18.117.725</b>        | <b>37,9</b>               |
| <b>PATRONAL</b>  | <b>554.501</b>          | <b>11,4</b>                      | <b>240.042</b>                | <b>67,9</b>                | <b>29.139.850</b>        | <b>61,0</b>               |
| <b>Inst. Pia/Relig.</b>  | <b>7.143</b>            | <b>0,2</b>                       | <b>263</b>                    | <b>0,1</b>                 | <b>72.327</b>            | <b>0,1</b>                |
| <b>Entid. pública</b>  | <b>158.719</b>          | <b>3,2</b>                       | <b>5.530</b>                  | <b>1,5</b>                 | <b>465.608</b>           | <b>1,0</b>                |
| <b>Não<br/>identificado</b>  | <b>132</b>              | <b>0,0</b>                       | <b>8</b>                      | <b>0,0</b>                 | <b>959</b>               | <b>0,0</b>                |
| <b>TOTAL</b>   | <b>4.859.864</b>        | <b>100,0</b>                     | <b>353.611</b>                | <b>100,0</b>               | <b>47.796.469</b>        | <b>100,0</b>              |
| Fonte: Censo Agropecuário 1995/96 – IBGE (in INCRA;FAO, 2000)          |                         |                                  |                               |                            |                          |                           |
| Elaboração: Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO                    |                         |                                  |                               |                            |                          |                           |

A distribuição regional demonstra que a participação da agricultura familiar varia conforme a região, sendo, por exemplo, mais expressiva no Nordeste, no Norte e no Sul, e menos no Sudeste e Centro-Oeste.

| <b>Agric. Familiares – Estab., área e VBP segundo as regiões</b> |                         |                              |                               |                            |                          |                           |
|--|-------------------------|------------------------------|-------------------------------|----------------------------|--------------------------|---------------------------|
| <b>REGIÃO</b>  | <b>Estab.<br/>Total</b> | <b>% Estab.<br/>s/ total</b> | <b>Área Total<br/>(Em ha)</b> | <b>% Área<br/>s/ total</b> | <b>VBP<br/>(mil R\$)</b> | <b>% VBP<br/>s/ total</b> |
| <b>Nordeste</b>  | 2.055.157               | 88,3                         | 34.043.218                    | 43,5                       | 3.026.897                | 43,0                      |
| <b>Centro-Oeste</b>  | 162.062                 | 66,8                         | 13.691.311                    | 12,6                       | 1.122.696                | 16,3                      |
| <b>Norte</b>   | 380.895                 | 85,4                         | 21.860.960                    | 37,5                       | 1.352.656                | 58,3                      |
| <b>Sudeste</b>   | 633.620                 | 75,3                         | 18.744.730                    | 29,2                       | 4.039.483                | 24,4                      |
| <b>Sul</b>   | 907.635                 | 90,5                         | 19.428.230                    | 43,8                       | 8.575.993                | 57,1                      |
| <b>BRASIL</b>  | <b>4.139.369</b>        | <b>85,2</b>                  | <b>107.768.450</b>            | <b>30,5</b>                | <b>18.117.725</b>        | <b>37,9</b>               |

Fonte: Censo Agropecuário 1995/96 – IBGE (in INCRA;FAO, 2000)  
Elaboração: Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO

Dentre as atividades mais comuns exercidas pelo universo familiar, destacam-se, independentemente da quantidade produzida por propriedade, a produção de aves e ovos, presente em 63% dos estabelecimentos, seguida pela bovinocultura de leite com 36%. Entre as plantações, o milho e feijão, com 55% e 45,8%, respectivamente.

| <b>Agricultura Familiar - Percentual de estab. produtores entre os agricultores da categoria (principais produtos)</b> |                          |                          |               |                  |             |              |               |              |              |             |
|--|--------------------------|--------------------------|---------------|------------------|-------------|--------------|---------------|--------------|--------------|-------------|
| <b>REGIÃO</b>  | <b>Pecuária de corte</b> | <b>Pecuária de leite</b> | <b>Suínos</b> | <b>Aves/Ovos</b> | <b>Café</b> | <b>Arroz</b> | <b>Feijão</b> | <b>Mand.</b> | <b>Milho</b> | <b>Soja</b> |
| <b>Nordeste</b>  | 17,5                     | 22,1                     | 22,0          | 60,9             | 1,5         | 19,3         | 56,4          | 22,1         | 55,1         | 0,0         |
| <b>Centro-Oeste</b>  | 53,7                     | 61,0                     | 36,7          | 69,4             | 4,0         | 26,3         | 9,9           | 11,8         | 37,8         | 2,6         |
| <b>Norte</b>   | 23,6                     | 25,7                     | 23,4          | 63,1             | 10,7        | 35,0         | 23,1          | 43,2         | 40,4         | 0,1         |
| <b>Sudeste</b>   | 27,9                     | 44,1                     | 23,5          | 53,4             | 25,2        | 12,4         | 32,3          | 11,9         | 44,3         | 0,7         |
| <b>Sul</b>   | 48,2                     | 61,6                     | 54,9          | 73,5             | 2,0         | 18,1         | 46,9          | 35,7         | 71,4         | 22,5        |
| <b>BRASIL</b>  | <b>27,8</b>              | <b>36,0</b>              | <b>30,1</b>   | <b>63,1</b>      | <b>6,2</b>  | <b>19,7</b>  | <b>45,8</b>   | <b>25,0</b>  | <b>55,0</b>  | <b>5,2</b>  |

Fonte: Censo Agropecuário 1995/96 – IBGE (in INCRA; FAO, 2000)  
Elaboração: Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO

Porém, quando se considera a participação da agricultura familiar em relação ao volume total produzido, nota-se que algumas culturas são quase exclusivas deste segmento.

| <b>Percentual do Valor Bruto da Produção de Produtos Selecionados Produzidos nos Estabelecimentos Familiares</b> |                                  |
|--|----------------------------------|
| <b>Produto</b>   | <b>Participação no VBP Total</b> |
| Fumo   | 97                               |
| Mandioca   | 84                               |
| Feijão   | 67                               |
| Suínos   | 58                               |
| Pecuária leiteira  | 52                               |
| Milho  | 49                               |
| Aves/ovos  | 40                               |
| Soja   | 32                               |
| Arroz  | 31                               |
| Café   | 25                               |
| Pecuária de corte  | 24                               |

Fonte: MDA/INCRA, 2000 (in EVANGELISTA, 2000, p. 4)

Concluindo, a agricultura familiar tem função primordial na vida do país. Ela, talvez, possa ser considerada a grande responsável pela produção de alimentos e uma excelente opção para problemas como o desemprego e a concentração da terra e da renda. Há muito, as economias desenvolvidas perceberam a importância do setor. Nos Estados Unidos, por exemplo, a agricultura familiar participa com mais da metade do valor das vendas (EVANGELISTA, 2000). A busca pela ampliação desse potencial, portanto, deve ser um dever do Governo, das entidades representativas, enfim, de todo o povo.

## 2.1 PANORAMA AGROPECUÁRIO DE JUIZ DE FORA

Mesmo antes de Juiz de Fora ser considerada um município, a agropecuária já era uma atividade importante. Em 1709, muito antes de se pensar em uma cidade por aqui, já era regular o trânsito de tropas de animais que faziam o transporte do ouro e de mercadorias. Ao longo do percurso estabeleceram-se vários ranchos e roças que possuíam uma economia baseada na venda de alimentos aos tropeiros. Mas foi durante o ciclo do café que ela atingiu o seu ápice. Na época, a principal força de trabalho usada nas plantações eram os escravos negros. A expansão da economia cafeeira da Zona da Mata Mineira (entre 1850/1870) fez

com que o município concentrasse a maior população de escravos de Minas Gerais, sendo o único a ter em uma mesma ocasião 20 mil escravos, a maioria usada na lavoura de café (GUIMARÃES; V. GUIMARÃES, 2001).

É fato que a agropecuária já não tem tanto valor para Juiz de Fora quanto teve no passado. Dados do Anuário Estatístico 2005 (CPS/UFJF, 2005) sobre o Produto Interno Bruto, apontam que em 1999 o setor agropecuário correspondia a apenas 0,55% do PIB da cidade, contra 45,85% do setor industrial e 53,6% do setor de serviços. Para a EMATER e a SAA, há uma necessidade de um levantamento preciso e atual sobre o volume de capital movimentado pelo agronegócio local.

No entanto, mesmo não sendo expressivo como os outros setores, o setor agropecuário destaca-se pela grande variedade na produção de alimentos. Os quadros abaixo trazem informações sobre a evolução das principais explorações agrícolas e pecuárias.

| <b>Principais explorações agrícolas em Juiz de Fora, 2002-2004</b> |                      |                 |                      |                 |                  |                 |
|--|----------------------|-----------------|----------------------|-----------------|------------------|-----------------|
| <b>Produtos</b>  | <b>2002</b>          |                 | <b>2003</b>          |                 | <b>2004</b>      |                 |
|  | <b>Área (ha)</b>     | <b>Produção</b> | <b>Área (ha)</b>     | <b>Produção</b> | <b>Área (ha)</b> | <b>Produção</b> |
| Milho  | 860,0 <sup>(1)</sup> | 1.914,0         | 905,0 <sup>(1)</sup> | 3.167,5         | 930,0            | 3.348,0         |
| Feijão - 1ª safra  | 160,0                | 48,0            | 170,0                | 64,0            | 180,0            | 75,6            |
| Feijão - 2ª safra  | 150,0                | 90,0            | 150,0                | 104,0           | 200,0            | 120,0           |
| Café   | 350,0                | 252,0           | 350,0                | 252,0           | 350,0            | 252,0           |
| Cana forrageira <sup>(2)</sup>                                     | 320,0                | 16.000,0        | 340,0                | 17.000,0        | 367,0            | 18.350,0        |
| Mandioca   | 22,0                 | 352,0           | 20,0                 | 320,0           | 18,0             | 288,0           |
| Banana <sup>(3)</sup>  | 39,0                 | 612,0           | 39,0                 | 629,0           | 39,0             | 468,0           |
| Laranja <sup>(3)</sup>   | 10,0                 | 120,0           | 10,0                 | 120,0           | 10,0             | 100,0           |
| Tomate   | 1,5                  | 90,0            | 1,0                  | 45,0            | 4,5              | 270,0           |
| Cenoura vermelha   | 9,0                  | 270,0           | 9,0                  | 270,0           | 9,0              | 270,0           |
| Beterraba  | 6,0                  | 180,0           | 11,0                 | 330,0           | 11,0             | 330,0           |
| Inhame   | 10,0                 | 300,0           | 8,0                  | 240,0           | 10,0             | 300,0           |
| Repolho  | 6,0                  | 180,0           | 9,0                  | 360,0           | 10,0             | 400,0           |
| Abobrinha  | 9,0                  | 234,0           | 9,0                  | 225,0           | 6,0              | 138,0           |
| Pimentão   | 10,0                 | 230,0           | 12,0                 | 276,0           | 12,0             | 276,0           |
| Couve-flor   | 8,0                  | 160,0           | 6,0                  | 120,0           | 6,0              | 120,0           |
| Alface   | 16,0                 | 400,0           | 16,0                 | 400,0           | 16,0             | 368,0           |
| Abóbora  | 5,0                  | 40,0            | 5,0                  | 40,0            | 5,0              | 50,0            |
| Goiaba   | 5,0                  | 50,0            | 4,5                  | 45,0            | 4,5              | 45,0            |
| Maracujá   | 1,0                  | 10,0            | 0,0                  | -               | 1,0              | 10,0            |

Fonte: EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural; Centro de Pesquisas Sociais / Anuário 2005 – tab 43.

Nota: (1) 280 hectares de milho para silagem, 580 hectares de milho para grãos, total de 860 hectares. (2) A partir do ano de 2002, a cana forrageira e a industrial, passaram a ser contabilizadas juntas. (3) Nas áreas de banana e laranja estão inseridos os plantios comerciais e pomares domésticos.

| <b>Principais explorações pecuárias em Juiz de Fora, 2003-2004</b>   |                   |                     |                         |
|--|-------------------|---------------------|-------------------------|
| <b>EXPLORAÇÃO</b>  | <b>2003</b>       |                     |                         |
|  | <b>Produtores</b> | <b>Plantel</b>      | <b>Produção</b>         |
| Bovinocultura Leite  | 850*              | 8.800 vacas/lact    | 18.000.000 Litros/ano * |
| Bovinocultura Corte  | 140               | 9.600 cabeças       | 2.016 ton/ano           |
| Suinocultura   | 2                 | 35.700 cab./ cevado | 4.413 ton/ano           |
| Avicultura de corte  | 1                 | 594.000 aves        | 1.757 ton/ano           |
| Piscicultura   | 35                | 54.000 unidades     | 41,7 ton/ano            |
| Apicultura   | 32                | 1.050 colméias      | 18,9 ton/ano            |
| <b>EXPLORAÇÃO</b>  | <b>2004</b>       |                     |                         |
|  | <b>Produtores</b> | <b>Plantel</b>      | <b>Produção</b>         |
| Bovinocultura Leite  | 850               | 8.800 vacas/lact    | 18.000.000 litros/ano   |
| Bovinocultura Corte  | 140               | 9.600 cabeças       | 2.016 ton/ano           |
| Suinocultura   | 2                 | 36.880 cab./ cevado | 4.413 ton/ano           |
| Avicultura de corte  | 1                 | 749.104 aves        | 1.757 ton/ano           |
| Piscicultura   | 45                | 69.500              | 41,7 ton/ano            |
| Apicultura   | 32                | 1.050               | 18,9 ton/ano            |
| Fonte: EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural; Centro de Pesquisas Sociais / Anuário 2005 – tab. 44. |                   |                     |                         |

Na cidade também são desenvolvidas atividades da agroindústria, como a produção de cachaça, queijos, doces, entre outros.

## 2.2 A AGRICULTURA FAMILIAR EM JUIZ DE FORA

Não existem números precisos, mas a EMATER aponta a agricultura familiar como a principal responsável pela agropecuária local. Conforme dito anteriormente, definir um conceito para agricultura familiar, é uma tarefa não muito simples. Geralmente, a definição é relacionada ao tamanho da propriedade e este está ligado à “qualidade de vida” do produtor. Um bom exemplo é a lei N° 4.504, de 30 de novembro de 1964 – Estatuto da terra – que criou uma classificação da terra baseada no Módulo Rural Este, nos termos da lei (parágrafo II, artigo 4), corresponderia à “Propriedade Familiar”: trata-se de “um imóvel rural que, direta e pessoalmente explorado pelo agricultor e sua família, lhes absorva toda a força de trabalho, garantindo-lhes a subsistência e o progresso social e econômico, com área

máxima fixada para cada região e tipo de exploração, e eventualmente trabalhado com a ajuda de terceiros”<sup>3</sup>.

Classificações desse tipo mostraram-se, no caso deste estudo, de difícil aplicação, pois são excessivamente subjetivas. No entanto, apontam que o caminho seria procurar um critério mais regional ou mesmo um outro nacional, porém, mais específico, menos subjetivo. Resolvemos, então, adotar para este trabalho, o conceito utilizado pela EMATER, por acreditar que ela seria capaz de fornecer dados mais precisos sobre o contexto familiar juizforano.

A EMATER trabalha com o conceito de agricultura familiar elaborado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Segundo o Plano Safra 2005/2006<sup>4</sup> do PRONAF, podem obter financiamento junto ao órgão, somente agricultores que atendam a estas condições: produzam na terra, na condição de proprietário(a), posseiro(a), arrendatário(a), parceiro(a) ou assentados(as) do Programa Nacional de Reforma Agrária e Programa Nacional de Crédito Fundiário; residam na propriedade ou em local próximo e tenham no trabalho familiar a base da produção – a EMATER aceita que se tenha até dois empregados; possuam no máximo 4 módulos fiscais (ou 6 módulos, no caso de atividade pecuária) – conforme a EMATER, 96 ha e 144ha; tenham parte da renda gerada na propriedade familiar, sendo pelo menos 30% para o grupo “B”, 60% para o grupo “C”, 70% para o grupo “D”, e 80% para o grupo “E”; tenham renda bruta anual enquadrada nos diversos grupos do PRONAF (até R\$60.000,00, excluída a aposentadoria)

Em relação aos grupos, B compreenderia os agricultores com renda bruta anual de até R\$2.000,00. C, de R\$2.000,00 até R\$14.000,00. D, de R\$14.000,00 até R\$40.000,00. E, de R\$40.000,00 até R\$60.000,00. Em todos estes valores, não é incluída a aposentadoria.

---

<sup>3</sup> <http://www.soleis.adv.br> (acesso em 20/10/2005)

<sup>4</sup> [www.pronaf.gov.br/home/plano\\_2005.pdf](http://www.pronaf.gov.br/home/plano_2005.pdf) (acesso em 01/09/2005)

Partindo dessa definição, de acordo com estimativas da EMATER, Juiz de Fora possui 1220 agricultores familiares divididos em várias atividades. O principal ramo de atuação é a bovinocultura de leite. São 750 pecuaristas, cerca de 61,5% do total, que respondem, por aproximadamente 70% da produção de leite do município, ou seja, são 12,6 milhões de litros/ano. Em seguida, vem a olericultura – cultivo de hortaliças e legumes – que tem entre 150 e 180 agricultores, responsáveis por 80% de toda a produção de horta. O terceiro ramo de destaque é manufatura de produtos como doces, queijos, cachaça, etc. Dos 90 produtores de Juiz de Fora, 81 são oriundos da agricultura familiar. Os demais produtores atuam em outros segmentos.

### 2.3 A ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES DE PENIDO

No fim da década de 1990, a Gerência de Agropecuária e Abastecimento da Prefeitura de Juiz de Fora (GAA), atualmente SAA, estava incentivando a formação de associações de produtores. Na época, a área compreendida dentro da comunidade de Penido

Tinha aproximadamente um potencial de 1000 litros de leite/dia, o que já era um volume que comportava uma associação. Foi, então, que, em julho de 1999, um grupo de 17 produtores, acreditando na formação de associações, se uniu para formar a associação de Penido. Entre eles estava Olivier de Paula Campos, 62, presidente da instituição desde o início, que é quem nos contou a história da associação.

A sede foi construída por meio de uma coleta entre os 17 associados (um salário por associado). Posteriormente, graças às novas adesões e aos subsídios recebidos da prefeitura, foi possível organizar um fundo de caixa, com o qual foram realizadas algumas ampliações. O dia 01 de janeiro de 2000 marca o início das operações. Naquele dia, foram coletados 1025 litros. Hoje, ela está operando no máximo de sua capacidade. São 40 pecuaristas produzindo entre 5000 a 5500 litros diariamente. A associação possui de 12 a 15

propriedades enquadradas como pertencentes à agricultura familiar. Elas produzem aproximadamente 15% do volume total de leite captado.

A formação da entidade trouxe vários benefícios. Como o objetivo é a organização do trabalhador, procura-se trabalhar mensalmente (aproveitando as reuniões para o pagamento, realizadas no dia 02 de cada mês) com a mudança cultural e técnica dos produtores. Para tanto, são oferecidas palestras com especialistas da parte técnica rural, com funcionários da Embrapa, da EMATER e da Epamig, ou com alguém que possa trazer benefícios sociais como, por exemplo, pessoas ligadas à Secretaria de Saúde, Secretaria de Educação, de modo a integrar os associados entre si e com as instituições que dão apoio às diferentes áreas. Através de um convênio entre a SAA e o Pró-Leite, os pecuaristas recebem visitas periódicas de técnicos, agrônomos e veterinários. Toda essa assistência proporciona uma melhoria na qualidade do processo produtivo. Mais um passo neste sentido é a análise do leite realizada no tanque de resfriamento da associação todos os dias.

Outra vantagem é com relação à venda. Os pecuaristas conseguem uma comercialização melhor, mais profissional. O leite é vendido em condições comerciais pré-estabelecidas. Com base no preço de varejo de padaria, eles formulam o preço de venda, o que proporciona uma melhoria significativa. A SAA monitora semanalmente a cotação deste preço. Um convênio com fornecedores de ração proporciona uma redução de aproximadamente 10% do custo. O transporte da ração até as propriedades, assim como o transporte do leite destas até a associação, é feito sem nenhum ônus para os associados.

#### 2.4 OS GRUPOS PESQUISADOS

Em Penido trabalhamos com 5 grupos que atendem ao conceito de agricultura familiar utilizado pela EMATER filiados à associação. Por uma questão de preservação dos entrevistados, optamos por não usar nomes para identificá-los. Neste projeto sempre que nos

referirmos a algum deles especificamente, o faremos da seguinte maneira: F1, F2, F3, F4 e F5.

Com relação à renda dos pecuaristas, pelo mesmo motivo, nenhum dos grupos familiares será classificado de acordo com as categorias de renda do PRONAF. No entanto, tomamos o cuidado de realizar este estudo somente com produtores que vivem apenas com o dinheiro gerado pela própria propriedade. Outro critério exigido foi que as propriedades possuíssem energia elétrica a mais de um ano e, pelo menos, um aparelho de TV no qual fosse possível sintonizar o canal Globo sem grandes dificuldades. Sendo assim, faremos um breve apanhado de características dos produtores e de suas propriedades.

|   | <b>Grupo F1</b>   |
|---|-------------------|
| <b>Condição de ocupação</b>             | Dono              |
| <b>Tamanho da propriedade (ha)</b>      | 96                |
| <b>Atividades complementares</b>        | Cana e milho      |
| <b>Nº de moradores</b>                  | 3                 |
| <b>Nº de empregados</b>                 | 1                 |
| <b>Nº de cabeças de gado leite</b>      | 9                 |
| <b>Produção diária de leite (litro)</b> | 140               |
| <b>Idade</b>                            | 44                |
| <b>Escolaridade</b>                     | Primário completo |

|   | <b>Grupo F2</b>      |
|---|----------------------|
| <b>Condição de ocupação</b>             | Arrendatário         |
| <b>Tamanho da propriedade (ha)</b>      | 80                   |
| <b>Atividades complementares</b>        | Milho, feijão, horta |
| <b>Nº de moradores</b>                  | 3                    |
| <b>Nº de empregados</b>                 | -                    |
| <b>Nº de cabeças de gado leite</b>      | 25                   |
| <b>Produção diária de leite (litro)</b> | 80                   |
| <b>Idade</b>                            | 49                   |
| <b>Escolaridade</b>                     | 1º grau completo     |

|  | <b>Grupo F3</b> |
|--|-----------------|
|--|-----------------|

|   |                               |
|---|-------------------------------|
| <b>Condição de ocupação</b>             | Dono                          |
| <b>Tamanho da propriedade (ha)</b>      | 60                            |
| <b>Atividades complementares</b>        | Milho, feijão, cana, mandioca |
| <b>Nº de moradores</b>                  | 4                             |
| <b>Nº de empregados</b>                 | -                             |
| <b>Nº de cabeças de gado leite</b>      | 20                            |
| <b>Produção diária de leite (litro)</b> | 30 a 40                       |
| <b>Idade</b>                            | 43                            |
| <b>Escolaridade</b>                     | Primário completo             |

|   |                            |
|---|----------------------------|
|   | <b>Grupo F4</b>            |
| <b>Condição de ocupação</b>             | Dono                       |
| <b>Tamanho da propriedade (ha)</b>      | 90                         |
| <b>Atividades complementares</b>        | Os filhos têm um alambique |
| <b>Nº de moradores</b>                  | 5                          |
| <b>Nº de empregados</b>                 | -                          |
| <b>Nº de cabeças de gado leite</b>      | 35                         |
| <b>Produção diária de leite (litro)</b> | 90 a 100                   |
| <b>Idade</b>                            | 71                         |
| <b>Escolaridade</b>                     | Primário completo          |

|   |                              |
|---|------------------------------|
|   | <b>Grupo F5</b>              |
| <b>Condição de ocupação</b>             | Dono                         |
| <b>Tamanho da propriedade (ha)</b>      | 96                           |
| <b>Atividades complementares</b>        | Gado de corte, milho, feijão |
| <b>Nº de moradores</b>                  | 4                            |
| <b>Nº de empregados</b>                 | 1                            |
| <b>Nº de cabeças de gado leite</b>      | 42                           |
| <b>Produção diária de leite (litro)</b> | 250 a 260                    |
| <b>Idade</b>                            | 47                           |
| <b>Escolaridade</b>                     | 2º ano primário              |

## – Capítulo IV –

### O CAMINHO DA ROÇA

Neste trabalho, escolhemos realizar um estudo de abordagem qualitativa da recepção com pequenos produtores rurais. Mas como definir quem é o pequeno produtor? Pelo tamanho da terra? Pelo tipo de produção? Ou pelo valor da renda?

Procuramos, então, a Secretaria de Agropecuária e Abastecimento de Juiz de Fora (SAA). Lá, fomos encaminhados à EMATER. Esta, como vimos no capítulo anterior, trabalha com o conceito de agricultura familiar elaborado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF).

Definido o perfil de trabalho, o segundo passo foi escolher o campo de pesquisa e quais as ferramentas a serem usadas.

#### 3.1 A ESCOLHA DE PENIDO

A EMATER não possui informações detalhadas sobre a distribuição da agricultura familiar na cidade. A solução apontada foi procurar representantes de algumas das dez associações de Produtores de Leite, cadastradas na SAA, pelo programa Pró-Leite, da Prefeitura. A escolha talvez tenha sido a mais acertada para o este projeto por três motivos: 1. Poderíamos realizar uma pré-seleção, junto ao representante, dos produtores que estariam dentro do perfil exigido para financiamento pelo PRONAF. Ainda no começo das entrevistas seria possível confirmar se o entrevistado atenderia ou não aos quesitos exigidos; 2. Outro fator importante é ser introduzido no campo por alguém de confiança das famílias que seriam estudadas. Não que a roça esteja menos hospitaleira, é que, com o aumento da violência na zona rural, as pessoas aprenderam a ter medo. A simples menção de um nome conhecido é

fundamental para que portas sejam abertas; 3. Como a principal atividade exercida pela agricultura familiar no município é a bovinocultura de leite, logo, a pesquisa seria mais representativa da realidade local.

Inicialmente, fizemos contato com a associação de Pirapetinga. A 60 km do centro de Juiz de Fora (indo pela BR 267 e seguindo por uma estrada de chão, cuja entrada fica próxima ao núcleo urbano de Valadares), esta localidade foi de vital importância na elaboração da pauta de perguntas, e conseqüentemente, no direcionamento e na execução do projeto. Reservamos um dia para irmos a Pirapetinga. Escolhemos trabalhar com cinco famílias, indicadas pelo representante da associação local, o senhor Geraldo Tostes. O objetivo foi o de realizar um pré-campo, onde pudéssemos explorar várias possibilidades, como, por exemplo, problemas de logística, a forma como abordáramos os moradores, o melhor modo de registro das entrevistas, entre outros.

E, a medida em que conhecemos parte da realidade dos produtores de Pirapetinga, podemos levantar a nossa primeira questão: o horário do Globo Rural representa uma barreira considerável para os pequenos produtores que são diretamente responsáveis pela execução das atividades na propriedade. Percebemos que para estes trabalhadores é praticamente impossível acompanhar o programa durante a semana. Consideramos, portanto, mais produtivo restringir a análise ao Globo Rural exibido aos domingos, pois é um programa mais extenso e tem a seu favor a tradição, ainda que o horário de 8 às 9 horas também tenha sido considerado um problema por aqueles produtores.

Durante o pré-campo foram levantados os seguintes pontos: a) A dificuldade de acesso aos locais pesquisados. Apesar de várias localidades rurais de Juiz de Fora contarem com o transporte coletivo urbano, o uso do carro se mostrou indispensável, devido a pouca oferta de horário de ônibus e a distância entre as propriedades. b) Locais onde se possa comprar comida, itens para a pesquisa, como pilhas ou fitas k7, são raros ou inexistentes. Por

isso é recomendável que se planeje com cuidado a saída ao campo. c) O horário compreendido entre as 10 e 14 horas, mostrou-se favorável. Todos estavam trabalhando, contudo, o volume de atividades era menor do que em outras partes do dia, e eles puderam dar maior atenção às entrevistas. d) Na abordagem, o uso de perguntas diretas durante as entrevistas revelou-se pouco eficaz. Muitas perguntas foram respondidas com um simples “sim” ou “não”. Várias vezes o discurso não se desenvolveu. . Para isso, a técnica de entrevista não diretiva mostrou-se eficaz sendo a entrevista mais relaxada e em forma de bate-papo, utilizando para registro de dados um pequeno gravador que chamasse pouca atenção. e) O representante da associação, por conta dos próprios afazeres, não pôde nos acompanhar em nenhuma visita. Era necessário, portanto, achar outro modo, além de somente dizer que fomos indicados por alguém, de conseguir a confiança do entrevistado.

Ao analisarmos todos estes pontos, descartamos totalmente a idéia de que essa pesquisa fosse feita fora de Juiz de Fora.

O interesse por Penido começou a surgir já no trabalho de pré-campo e o conhecimento adquirido teria mais chances de êxito se aplicado num local próximo. Localizada no caminho para Pirapetinga, à margem da BR 267, porém, a apenas 26 km do centro da cidade, Penido oferecia muitas vantagens como, por exemplo, o acesso mais fácil, a relativa proximidade com outras localidades, dentre os quais podemos citar Igrejinha, onde há um posto de gasolina, o que é muito importante quando se tem que fazer uso das estradas mal conservadas da nossa região. Depois de considerarmos todos esses fatores, optamos por fazer de Penido o nosso campo de pesquisa.

### 3.2 O TRABALHO EM PENIDO

Pelo telefone, fizemos contato com a tesoureira da associação, dona Maria Célia. Explicamos quais eram as metas e as necessidades desse estudo. A primeira visita foi

marcada para a manhã do dia 24 de setembro. Chegamos a associação por volta das 9 horas. Pedimos à tesoureira que nos indicasse 7 grupos familiares que atendessem o perfil de nossa pesquisa. As duas indicações serviriam como reserva, caso não conseguíssemos realizar o Trabalho de Campo em alguma propriedade, elas seriam úteis para que as atividades não fossem paralisadas. De posse desse material, partimos para a primeira entrevista.

Um fato curioso foi como nos era descrito o caminho até as propriedades: “você pega o asfalto, no sentido para Valadares. É a quarta entrada à esquerda. Aí, você segue pela estrada de chão, passa por três porteiros e uma ponte. Depois da ponte, você vai ver uma porteira de ferro. É lá mesmo. Deve dar uns 4,5 km”. Esse tipo de situação, já prevista no pré-campo, não chegou a representar nenhum problema sério, mas ela fez com que a dúvida fosse uma constante, pois, várias vezes, nos deparamos com bifurcações que não foram descritas, e nem sempre tinha alguém para confirmar se a direção escolhida foi a certa. A “riqueza” de detalhes dessas descrições era tanta que antes de qualquer visita íamos à associação para nos certificarmos do caminho.

O problema da ausência do representante local foi resolvido metodologicamente com a utilização de uma máquina fotográfica digital. Assim que chegamos na casa de nosso entrevistado F1, demos explicações sobre quem éramos, quem nos tinha indicado – ao mesmo tempo em que mostrávamos fotos de dona Maria Célia junto à filha na associação – e os objetivos do trabalho. Esta tática gerou um excelente resultado. Conseqüentemente, a repetimos em todas as entrevistas. Conseguimos criar uma empatia e conferimos um mínimo de veracidade ao que dissemos. Outra vantagem, é que essa ação cria uma justificativa, uma abertura para um eventual retorno: levar uma cópia revelada aos entrevistados, poderia ser o ponto de partida para uma nova conversa.

Chegamos em F1 às 10 horas. Esta entrevista foi a mais longa que fizemos. O objetivo não era conseguir somente respostas referentes ao programa Globo Rural, mas,

também, conseguir um aperfeiçoamento do conhecimento adquirido no pré-campo, ou seja, queríamos estar mais preparados a cada nova abordagem.

Percebemos que fora o clima descontraído, com o jeito de uma conversa amigável, as entrevistas deveriam ser marcadas pela perseverança, ou seja, deveríamos ser, no sentido positivo da palavra, insistentes. Notamos que em vários casos o produtor respondia a certas perguntas de um jeito “monossilábico”. Foi detectada, portanto, a necessidade de se repetir perguntas ao longo do diálogo, de citar experiências de outros produtores, de modo a ajudá-lo a lembrar de alguma possível experiência. Como exemplo, acompanhe um trecho de uma entrevista que fizemos em um dos outros grupos:

- Já aprendeu alguma coisa com o Globo Rural?
- Não. Não, nunca aprendi não.

Retomamos a pergunta, contudo, citando outros entrevistados:

- Não? Teve gente falando que aprendeu banho carrapaticida com erva cidreira, vermífugo de bananeira, um jeito de guardar o feijão pra não estragar... e o senhor não aprendeu nada? Por quê? Por que o senhor não tem tempo de ver ou o já sabia as coisas que passaram?
- Porque eu não tenho tempo mesmo. Tem uns 5 meses que eu não vejo.

Continuamos a conversa normalmente, indagando sobre outros assuntos, pois tínhamos interesse em outros dados. A questão do aprendizado foi respondida mais à frente, em outra pergunta, feita de forma menos direta:

- Nas vezes em que o senhor viu, alguma coisa chamou mais a atenção do senhor?
- Quando eu tinha tempo de ver o Globo Rural, o que me interessava, que eu cheguei a pegar e que me ajudou muito foi a inseminação artificial.

Não se trata de obter uma resposta a qualquer custo. Uma das intenções, como já foi dito, é que o pesquisado se esforce realmente para lembrar. Nenhuma informação deve passar despercebida. Em nossa pesquisa, não haveria problema algum se fosse constatado que o entrevistado nada tivesse aprendido, pois o que nos interessa é a verdade, como se dá a

relação agricultura familiar x Globo Rural. Neste caso, podemos observar que a cada resposta dada, houve um enriquecimento do discurso do produtor, o que é de suma importância para se conhecer e entender como esse homem do campo se relaciona com o programa.

No dia 24 de setembro, trabalhamos com F1. Tínhamos programado continuar a coleta de informações no dia 26. Entretanto, o início daquela semana foi marcado por fortes chuvas e fomos obrigados a adiar. Com a melhora do tempo, no dia 29, fomos à F2.

No dia 30 não conseguimos realizar o trabalho com F3, então, voltamos a F1 para o esclarecimento de alguns dados. Como isto não durou mais do que 20 minutos, resolvemos checar uma das indicações reservas. Foi a única vez em que tivemos que “abortar” a entrevista. Logo no início, tentando verificar se o entrevistado poderia ser classificado como agricultor familiar, enquanto conversávamos sobre a condição e tempo de ocupação, descobrimos que a propriedade excedia em muito o tamanho permitido exigido pelo PRONAF. Sem demonstrar nenhum ar de descontentamento, não lhe dissemos que não atendia as nossas necessidades. Fizemos mais algumas perguntas e agradecemos normalmente. O tempo que se passa no campo é algo precioso e deve ser valorizado, porém, era necessário que aquele pecuarista se sentisse valorizado como os demais participantes, que fizesse um registro positivo da nossa passagem. Pois ele poderia servir de referência para os outros.

De início, tínhamos planejado trabalhar com um grupo por dia, para que pudéssemos fazer um balanço de cada entrevista. Porém, o atraso proporcionado pelas condições climáticas poderia acarretar um prejuízo nas outras etapas do projeto. A opção foi tentar realizar as entrevistas restantes no dia 01 de outubro, aproveitando a pausa das chuvas. O tempo esteve muito instável durante o final de setembro, novas chuvas poderiam contribuir para o agravamento das condições de acesso às propriedades, e não tínhamos como saber quando teríamos outra oportunidade. Contudo, se fosse encontrada alguma dificuldade que

pudesse prejudicar a pesquisa essa estratégia seria imediatamente abandonada. O que felizmente não aconteceu. Às 10 horas estivemos em F3. Perto do meio dia, em F4, onde fomos convidados para o almoço. Às 14:00 horas chegamos a F5. Ficamos aproximadamente 1 hora e meia com cada grupo.

Em todas as entrevistas, começamos a conversa com o responsável pela família, mas incentivando sempre a participação de outros membros.

De posse dos dados empíricos extraídos do campo, passamos para a 2ª etapa do projeto, transcrevendo na íntegra todo o material, passando para a 3ª e última etapa do projeto de pesquisa com a análise do material decupado.

Nesta última etapa, diante de alguns pontos levantados pelos produtores, achamos que para se entender melhor o discurso dos pecuaristas seria fundamental observarmos o Globo Rural, principalmente no que diz respeito à distribuição das matérias e o conteúdo exibido em cada bloco. Pois foi verificado que raramente os produtores conseguiam assistir todo o programa, ficando restritos a um ou outro bloco, geralmente o último. Por isso, analisamos as apresentações dominicais dos dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2005.

## – Capítulo V –

### ANÁLISE DE RESULTADOS

O nosso primeiro pressuposto, conforme já dito, foi levantado durante o pré-campo realizado em Pirapetinga. Foi nesta localidade que percebemos que para os produtores da agricultura familiar, especialmente no caso da bovinocultura de leite, o horário do Globo Rural dificulta e muito o acesso ao programa. Tanto que descartamos a possibilidade, neste estudo, de trabalhar também com as apresentações semanais, restringindo-nos à edição dominical.

Em Penido, buscamos entender quais as necessidades dos pecuaristas e se o Globo Rural atendia a esta demanda. Com este intuito, a nossa pesquisa teve como objetivo levantar informações sobre a acessibilidade – além do horário, abordamos também a linguagem do programa; a aprendizagem – se eles já tinham aprendido algo com o Globo Rural e a quais outras fontes eles recorriam; informação – o que lhes interessa saber; e, por fim, como eles vêem o Globo rural e como seria uma programação ideal.

Neste capítulo, compararemos o resultado da coleta do trabalho de campo com dados obtidos a partir de observações feitas sobre a estrutura do Globo Rural, especialmente sobre as edições que foram ao ar nos dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2005, comparando ainda o discurso dos produtores com o conteúdo das respectivas apresentações.

#### 5.1 ACESSIBILIDADE

O objetivo desse estudo é fazer uma análise da relação entre o Globo Rural e a agricultura familiar. Para compreendermos a questão do acesso, tivemos como meta verificar

se o horário de 8 às 9 horas, aos domingos, representava uma barreira, assim como foi verificado em Pirapetinga, e se, nas vezes em que conseguiram assistir ao programa, eles consideravam a linguagem utilizada por este como de fácil entendimento.

### 5.1.1 HORÁRIO

A rotina de trabalho dessas pessoas, independentemente de datas, pouco se altera. Todos os dias, eles têm que ordenhar as vacas, recolher o leite a tempo do caminhão da Associação vir buscá-lo. Isso sem contar a alimentação dos animais e os outros serviços que precisam ser feitos. Mesmo em F1 e F5, grupos que possuem um empregado fixo, os donos da propriedade continuam sendo os principais responsáveis pelas atividades, estando diretamente envolvidos em todo o processo. E é na parte da manhã em que o trabalho exige maior compromisso desses pecuaristas, pois há prazos a cumprir.

Logo, assim como em Pirapetinga, o horário é um obstáculo considerável para esta audiência.

F1: – O Globo Rural talvez eu assista. Mas depende da hora. Às vezes, eu estou desocupado. Não é muito fácil para mim. De manhã é difícil(...). As vacas não param de dar leite.

F2: – O Globo Rural não dá tempo. Na parte da manhã é difícil, porque é na hora de tirar o leite ali.

F3: – Muitas vezes não assisto, porque é a hora que eu tô trabalhando(...) não tenho tempo mesmo. Tem uns 5 meses que eu não vejo.

F4: – Eu assistia o Globo Rural, mas agora não tenho prazo. É a hora em que a gente está no curral. Tem mais de ano que eu não assisto. Não tem jeito.

F5: – Nesse horário que passa a gente já está lá no curral. Tem o horário certo pra entregar leite, então, a gente não pode largar o serviço para ver.  
(Transcrição de trechos das entrevistas com os grupos)

A maioria dos entrevistados sugeriu que o programa devesse ser exibido entre as 10 e 14 horas, horário em que eles estão dentro de casa para almoçar. Apenas F1 acha a partir das 20 horas uma boa opção.

### 5.1.2 LINGUAGEM

Uma linguagem compreensível é fator primordial na inclusão. Todos os nossos entrevistados são alfabetizados, porém, são trabalhadores que têm uma forma simples de se comunicar. Neste universo, o uso de uma linguagem rebuscada, muito técnica, teria pouca ou nenhuma eficácia. No nosso estudo, 4 dos 5 grupos consideram o modo do Globo Rural expor seu conteúdo de fácil assimilação. Em nossa observação do programa, percebemos que há uma adaptação da linguagem. Há um esforço dos repórteres no sentido de utilizar uma maneira de se expressar apropriada ao homem do campo.

- Você acha que é difícil se acostumar com essa tralha nova?
  - Eu acho que não é difícil não, pelo o que ele mostrou, vai ser fácil.
  - Não tem nada que te espante?
  - Não.
- (Diálogo entre o repórter José Amilton Ribeiro e um trabalhador na Reportagem “Chip no Gado”)

Neste exemplo, o repórter usou o termo “tralha nova” para se referir aos aparelhos eletrônicos. O programa possui sua linguagem sedimentada e um vocabulário informal característico do campo (SOUSA, 1996). Isso se dá também na forma de apresentação: nenhum repórter do programa usa terno ou qualquer tipo de roupa que seja incoerente com o contexto da matéria. Outro diferencial é a intimidade com que os jornalistas tratam o entrevistado, chamando-o pelo primeiro nome: “Olá seu Antonio Cuchi, de Sabugueiro, Santa Catarina!” (transcrição da saudação feita pela apresentadora Helen Martins respondendo a uma carta da edição de 06.11.05).

Todavia, algumas reportagens, pela necessidade de uma informação mais completa, utilizam vocabulário com termos técnicos, por exemplo, nomes científicos.

Helicônia, alpinea, calathea, etilingera, costus. Esses nomes complicados identificam alguns gêneros de flores tropicais. São milhares de espécies diferentes, originárias de várias partes do mundo. De helicônias, por exemplo, existem mais de 200 espécies. Parentes da banana, elas são nativas das Américas, inclusive do Brasil. Já as alpíneas vêm da Ásia, assim como as etilíngeras. (trecho da reportagem o “Comércio Internacional de Flores”).

No entanto, devemos destacar o amplo uso de imagens e recursos gráficos utilizado pelo programa. No caso da matéria acima, foi mostrada uma imagem correspondente para cada nome científico lido. Nas matérias com caráter educativo, como “Cabra com casco grande”, cada explicação é didaticamente acompanhada por uma imagem. Enquanto o veterinário realizava e explicava o casqueamento da cabra, a câmera registrava de perto todas as etapas do processo. Em outras reportagens, as imagens foram complementadas por uso de artes gráficas. Em “Um caminho suspeito” a tela é preenchida por uma arte do mapa do Brasil, mostrando a localização de Itaquiraí – MS. O mesmo aconteceu em “Vacina em falta” onde foram indicados através do mapa do Brasil quais os 16 estados brasileiros onde seria realizada a segunda etapa da vacinação contra a aftosa.

Uma das possíveis explicações que tenha levado F5 a reclamar da linguagem do programa pode ser o fato de que a televisão exige do receptor maior “participação sensorial” para a apreensão de suas mensagens (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p. 137), ou seja, para assimilar melhor o conteúdo, o telespectador tem que ficar parado em frente à TV, vendo e escutando o que está sendo transmitido, e isso nem sempre é possível para trabalhadores que têm muitos afazeres. O que já não representaria um problema para o rádio, meio amplamente difundido na zona rural. O rádio, além de utilizar apenas um sentido – a audição – pode ser carregado para o local de trabalho, não atrapalhando a mobilidade, permitindo que eles continuem a desempenhar suas tarefas.

Devemos considerar também o regionalismo. Falar claramente a tantas culturas não é uma das tarefas mais fáceis. Plantas, animais, objetos, entre outros, podem ter nomes diferentes, variando conforme o lugar e o costume.

– Muitas coisas a gente não entende bem. Cada um fala uma língua. Na roça tem um jeito de explicar, tinha que ser um jeito mais caipira. Às vezes, é uma coisa fácil, que a gente tá lidando todo dia, e a gente sabe do que está falando (transcrição de trecho da entrevista de F5).

## 5.2 APRENDIZAGEM

Parte considerável dos assuntos tratados tem sua origem em questões enviadas pelos telespectadores. Estas abordam várias questões do contexto agropecuário.

Recebendo dezenas de cartas por dia, a tradicional seção de cartas é a principal forma de interação entre o público e o Globo Rural. Ela permite que a audiência esclareça suas dúvidas com especialistas de todas as partes do país. Esta, provavelmente, é a parte mais didática do programa.

Todo o processo de desenvolvimento da matéria é acompanhado passo a passo pelo cinegrafista, o que permite uma compreensão completa do assunto abordado. Caso ainda reste alguma dúvida, as edições sempre trazem alguns folhetos e cartilhas explicativas sobre cultivos, formas de plantio, pragas ou novas tecnologias, que complementam a informação veiculada sem deixar dúvidas para o homem rural. E todo o material divulgado tem preço acessível (SOUSA, 1996, p. 52).

Em nosso trabalho, porém, foi verificado que nenhum dos grupos com os quais trabalhamos jamais escreveu uma carta ao Globo Rural. Fato que não eliminava a possibilidade de aprendizado com a seção. Vale lembrar também que o caráter didático/informativo não fica restrito somente a essa parte do programa. Em “É preciso cuidado”, matéria de primeiro bloco, sem ligação alguma com a seção de cartas, foram ensinadas nove regras que o pecuarista devia seguir em relação ao transporte, armazenamento e aplicação da vacina contra a febre aftosa, usando um pecuarista como personagem a reportagem seguiu o mesmo padrão de uso de imagens.

A nossa preocupação era descobrir se algum dos grupos aprendeu algo com o Globo Rural, o que foi feito com essa informação e qual seria a principal fonte de aprendizado utilizada pelos produtores. Conforme já era esperado, todos apontaram a Associação dos Produtores de Penido e os projetos de apoio, por exemplo, o Pró-Leite, como sendo as fontes

mais consultadas.

– Antigamente, a gente mexia com qualquer vaca. Para nós, se já tivesse saindo leite no bico da maminha estava bom. Agora, nós já temos um gado de uma genética melhor. Isso eu agradeço aos técnicos, agrônomos e veterinários do Pró-Leite que vieram aqui. (transcrição de trecho da entrevista com F5)

Em relação ao programa, F1 contou que viu uma receita de carrapaticida feita com erva-cidreira e álcool. Porém nunca a usou em sua propriedade. F2 declarou que aprendeu como armazenar feijão na lata de um modo que o produto não se estraga; a receita do carrapaticida; e um vermífugo feito à base de folhas de bananeira. Alegou ter usado todas essas técnicas e comprovou a eficiência delas. Em 1990, F3, conforme citado no capítulo “O Caminho da Roça”, fez um curso de inseminação artificial, em função de uma matéria exibida sobre o assunto e hoje é “inseminador”. Já F4 revelou nunca ter aprendido nada com o programa. Afirmou que, anos atrás, chegou a ver coisas que o interessavam, mas não pôde implementá-las por falta de recursos, mas no momento não conseguia se lembrar de nenhuma delas. Indagado sobre algum conteúdo visto que seria de fácil implementação a resposta foi a seguinte:

– Não, nunca experimentei e não vou experimentar. Porque a gente já está na hora de ir embora, a gente já está velho. Não vou poder mexer com muita coisa mais. Estou com uma ordenhazinha aí, mas, se bobear, não deixo funcionar. Tá muito complicado (transcrição de trecho da entrevista com F4).

F5 também disse que não aprendeu com o Globo Rural e que apenas ouviu alguém comentar sobre um carrapaticida caseiro, ensinado pelo programa. Segundo ele, das vezes em que se recorda ter assistido, o conteúdo exibido não estava ligado à sua atividade.

– Geralmente, quando vejo, preciso que passe mais informações sobre gado, e passa muito é sobre fruta, doença de uma planta, ou algo assim. Então, eu, que lido mais com gado, procuro assistir alguma coisa que fale mais sobre o leite, com as coisas que eu mexo (transcrição de trecho da entrevista com F5).

### 5.3 INFORMAÇÃO

Atuando, em diversos aspectos, como um noticiário do campo, o Globo Rural é uma produção que traz toda sorte de informações ligadas ao meio rural. Nas edições analisadas tivemos informações sobre a divulgação de um levantamento da Conab, sobre a situação dos produtores em Japorã, a falta de vacinas contra a aftosa em alguns estados, a confirmação de dois casos de febre maculosa em Itaipava, entre muitas outras.

Mas existe um tipo de informação específica, que foi considerada essencial pelos grupos envolvidos nesse estudo. Mesmo sendo a bovinocultura de leite a principal atividade desempenhada, eles julgam importante saber, por exemplo, as cotações dos preços de diferentes produtos, como a arroba do boi, a saca do milho, etc.

– É bom a gente saber, porque temos que estar a par da coisa, para ver o que vamos dar para o gado. Porque eu não compro ração, eu faço a ração aqui mesmo. Essas rações de hoje estão é tudo fraca. O milho, a soja e o algodão entram na ração que eu faço. E a arroba do boi é interessante, porque, às vezes, a gente quer descartar uma vaca que não está boa de leite. Dá uma base na hora de vender (transcrição de trecho da entrevista com F1).

Nas edições analisadas foram oferecidos dados sobre a arroba do boi gordo em algumas cidades que servem como referência

| 30/10/05   | 06/11/05  |
|--|---|
| <b>Arroba do Boi Gordo – 30 dias</b>             |   |
| Barretos/SP:<br>Boi rastreado: R\$ 53,00         | Barra do Garças/MT:<br>Boi rastreado: R\$ 54,00 |
| Araputanga/MT:<br>Boi rastreado: R\$ 53,00       | Teixeira de Freitas/BA:<br>Boi comum: R\$ 50,00 |
| Governador Valadares/MG:<br>Boi comum: R\$ 49,00 |   |

Contudo, nenhum dos grupos afirmou recorrer ao programa para obter esse

tipo de informação, buscando-a em outras fontes: F1 se informa através do pai, que é telespectador do Globo Rural e do Canal do boi, e, de vez em quando, pelo Canal do Boi; F2, pelo Canal do Boi; F3, pelo Canal do Boi; F4, pelo Canal do Boi, Canal Terra Viva e com vendedores de ração; F5, por um programa de rádio e com vendedores.

Outra informação prestada pelo Globo Rural é sobre cursos e eventos que acontecem pelo país. Contudo, o que podemos perceber durante a conversa com os produtores é que eles têm dificuldade de participar de eventos realizados longe de Penido, pois isto implicaria em se ausentar da propriedade, ficando a sua participação restrita a torneios leiteiros da região. Geralmente, estes são eventos pequenos que não são muito divulgados nem pela mídia local. Os pecuaristas sabem deles, pois costumam acontecer em épocas conhecidas.

#### 5.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEÚDO

O objetivo desta parte da pesquisa é entender o que os grupos percebem, qual é a expectativa, como eles vêem o Globo Rural. Todos disseram já ter visto alguma reportagem ou algo que tenham gostado, achado interessante. Alguns deles também aprenderam coisas simples, de fácil implementação. Entretanto, o que nos interessa aqui não é saber como os pecuaristas avaliam um ponto específico, e sim qual a leitura geral que eles fazem do programa.

A principal observação foi sobre a inadequação de conteúdo para esse público. Entre os grupos, F3 e F5 acham que podem aprender algo com matérias sobre grandes fazendas, grandes produtores, etc. Contudo, todos acham que o conteúdo deveria ser enquadrado no contexto dos pequenos produtores.

– O Globo Rural passa esses grandes produtores que criam boi no confinamento, onde trazem ração e silagem em caminhões caçamba. Eles jogam aquilo em trincheiras e o boi já vai comendo. Aquilo não é a realidade do pequeno produtor. O pequeno produtor trabalha dentro do quadro dele, ele tem que ter as coisas na realidade dele, tirar o leite dele, o jeito que ele é. Não adianta ele querer avançar numa coisa que ele não é. Avançar é

ter equipamento. Hoje, o grande é todo equipado, tem trator, caminhão, tem tudo para fazer o trabalho dele. O pequeno, não (transcrição de trecho da entrevista com F1).

– Quando mostram essas fazendas grandes, como é o funcionamento, a gente que é pequeno também tira alguma coisa daquilo ali. Mas tem que mostrar os pequenos, porque a maioria dos produtores rurais são pequenos, tem muito pouco fazendeiro grande. A maioria tá vivendo com aquele pedacinho de terra pequenininho e tentando sobreviver daquilo ali (transcrição de trecho da entrevista com F5).

Um membro do grupo F3 fez uma importante observação, ressaltando que tão importante quanto ensinar a fazer é mostrar para onde e como comercializar. Ele se lembrou de uma reportagem sobre uma cooperativa de mulheres que faziam e vendiam doces e que tinham o lugar certo para vendê-los. Disse ter gostado da reportagem, mas afirmou que achava que faltavam informações sobre como ingressar no mercado.

– A gente vai se informar, vai querer fazer, mas não vai ter saída para aquilo. Tem que ter saída. Tem que ter onde colocar. Às vezes, a gente tem a mercadoria, mas não tem para quem vender. Acontece muito na roça (Transcrição de trecho da entrevista com F3).

Outra consideração significativa a respeito do conteúdo foi feita por F5. Este, assim como os demais, encontra dificuldade para assistir ao programa em função do horário. Também reclama que, como já dissemos, das vezes em que conseguiu assisti-lo, as reportagens não tinham ligação com a pecuária, sendo matérias sobre plantações, entre outras. Fato que o desencoraja a interromper sua atividade para ver o Globo Rural. Para ele, a segmentação seria uma solução. O programa deveria ter, portanto, edições que dessem destaque a determinado ramo de atividade.

– A semana tem sete dias, deveria ter pelo menos dois para falar sobre gado de leite. Tendo aqueles dias certos, eu acho que funcionaria melhor. Porque o programa sendo misturado, misto, acho que não fica muito interessante. Por exemplo, hoje eu tirei o dia para assistir o Globo Rural. Aí, está passando algo sobre plantação. No outro dia, não quero mais, já não estou interessado mais naquele programa, porque não é para mim. Meu negócio é gado de leite. Se tivesse os dias certos, a gente tirava um tempinho. A agricultura também teria os dia dela (transcrição de trecho da entrevista com F5).

Os grupos acreditam que um programa mais coerente, com material mais voltado para o pequeno produtor seria o ideal.

## CONCLUSÃO

O Globo Rural possui inúmeras qualidades. Uma das principais é a tradição. No ar há 25 anos, o programa é uma das mais conhecidas produções da TV brasileira. Tal fato, associado à ampla cobertura da Rede Globo – sendo transmitido a 97,9% dos municípios brasileiros e 99,4% dos domicílios com TV – faz com que seja muito difícil encontrar alguém que não o conheça, nem que não o tenha assistido pelo menos uma vez. Junte a isto um conteúdo variado, transmitido por uma linguagem relativamente simples, de fácil assimilação, e um modo didático de explicação, que conta com um vasto uso de imagens, mais a possibilidade de se tirar dúvidas ou saciar curiosidades com especialistas e instituições de todo o país por meio de cartas e e-mails e teremos um programa com um potencial extremamente elevado.

Entretanto, o que percebemos em nossa análise, é que este potencial é não é bem aproveitado em relação ao nosso campo de estudo. Mesmo tendo recursos como aparelhos de TV com antenas parabólicas, foi constatado que nenhum dos grupos consegue ser um telespectador assíduo do programa, sendo que alguns deles chegam a ficar, longos períodos, sem assisti-lo. A questão do horário prejudica o acesso ao Globo Rural, conseqüentemente, inviabilizando-o como referência, tanto em termos de informação quanto em termo de aprendizado – mesmo que alguns deles tenham aprendido algo com o programa, seria muito difícil esperar pela resposta de alguma carta enviada – fazendo com que os grupos estudados busquem esta referência em outras fontes.

Outro ponto importante a ser considerado é que a questão da inclusão fica também comprometida. Por mais que o Globo Rural possa ser visto como um programa que preserva as raízes do povo brasileiro, ou mesmo um colaborador na preservação da cultura popular, todavia, nos cabe perguntar, para quem seria mais interessante a preservação e

divulgação dessa cultura do que para seus próprios membros? No caso deste projeto, como poderiam os pecuaristas reconhecer ou se identificar com o conteúdo exibido, haja vista essa dificuldade de acesso? O fato é que nenhum dos grupos fez esse tipo de observação sobre o programa.

Passando ao conteúdo, percebemos que, mesmo tendo gostado de algumas reportagens em determinado momento, prevaleceu entre os grupos a opinião de inadequação do conteúdo. O que detectamos, baseado nas considerações feitas no último tópico da “Análise de resultados”, é que a imagem que os trabalhadores têm do programa está intimamente ligada a um ponto de vista norteado pelo critério de aplicabilidade. Mesmo considerando que se possa aproveitar algo de um conteúdo relacionado a grandes propriedades que envolvem altos recursos todos consideraram o conteúdo enquadrado no contexto do pequeno produtor e, quando for o caso, de fácil implementação, como o ideal, ainda que esta implementação não aconteça posteriormente. Esta opção pela aplicabilidade pode ser um dos motivos que levou F5, como vimos também no último capítulo, a avaliar a diversidade de conteúdo como desestimulante, pois muito do que é mostrado não estaria em sintonia com a pecuária leiteira.

Analisando as edições de 30 de outubro e 06 de novembro, o que podemos observar é que estas apresentaram algumas matérias totalmente ligadas à área de interesse dos grupos estudados, ou seja, a bovinocultura. O primeiro bloco da primeira edição trouxe uma reportagem que ensinava os cuidados que garantiriam a eficácia da vacina contra a aftosa. No segundo bloco uma outra reportagem tentava esclarecer sobre como o vírus da aftosa poderia ter chegado ao Paraná. Já o primeiro bloco da edição do dia 06 mostrou uma matéria sobre um chip que permitiria o acompanhamento do desenvolvimento do animal, desde bezerro até ao abate. Esta tecnologia poderia ser implantada em um rebanho de 100 cabeças a um custo de R\$ 800,00 para a compra dos chips e mais R\$ 700,00 para a compra da aparelhagem de

leitura. No segundo bloco foi apresentada uma matéria sobre a falta de vacina contra a aftosa enfrentada por alguns estados, e outra sobre os prejuízos causados pela doença em Japorã (MS). Em ambas as apresentações, o primeiro e o segundo bloco aconteceram entre as 8h e as 8h25.

Apesar de não termos questionado o nosso campo especificamente sobre estas edições – tendo em vista que a coleta de dados em Penido aconteceu em datas anteriores, acreditamos que a grande maioria das opiniões emitida por nossos pecuaristas sobre o conteúdo do programa é amplamente influenciada pelas matérias do último bloco – normalmente constituído por uma única reportagem. A rotina de trabalho desses produtores exige deles grande comprometimento, principalmente na parte da manhã. Quando conseguem assistir ao programa, geralmente só têm condições de assisti-lo perto do final. Nas edições analisadas, o quarto bloco aconteceu por volta das 8h38. Tentaremos justificar o nosso posicionamento a partir das reportagens exibidas nos últimos blocos das edições analisadas: na apresentação de 30 de outubro, o quarto bloco apresentou “Pasto colorido”, matéria sobre uma senhora do Rio Grande do Sul, criadora de ovelhas da raça karacul, uma raça que apresenta características muito peculiares como a reserva de gordura próxima à cauda e pêlos coloridos que renderiam um artesanato único. Este alcançaria ótimos preços no exterior. Já o último bloco da edição do dia 06 trouxe uma reportagem sobre o lucrativo e promissor comércio de flores. Apresentado como uma boa opção para pequenas propriedades, mas que exige um alto custo de implantação e manutenção. Encontramos nestas duas matérias respaldo para o argumento dos produtores a respeito da inadequação de conteúdo. Para estes produtores, por exemplo, gastar R\$ 40.000,00 por hectare na implantação e uma média de R\$ 1.500,00 na manutenção de cada hectare é completamente fora da realidade dos nossos grupos. Também serve de justificativa para reclamação de um membro do grupo F3 sobre a falta de oferta de informações mais detalhadas sobre como se ingressar no mercado.

Nos dois casos encontramos a questão cultural. A maior parte dos trabalhadores aprendeu o ofício ainda enquanto crianças. E este conteúdo é bem diferente da bovinocultura de leite e mudar de atividade não é uma questão das mais simples.

A sugestão de segmentação, feita por F5 no capítulo anterior, pode representar uma boa solução.

Após avaliarmos todos esses pontos tivemos a certeza de que os nossos grupos não são receptores passivos, sendo capazes de escolher, sugerir, boicotar, aprender, descartar o que lhes é enviado pela mídia. Acreditamos que o Globo Rural não atende, pelo menos como poderia e deveria, à demanda dessa audiência que deve integrar o público alvo do programa. Concluimos que, apesar de todo o seu potencial e dos esforços do programa para a construção de uma linguagem comum, falta ao Globo Rural um conhecimento básico sobre essa audiência para uma mediação bem sucedida entre os fatos e estes trabalhadores.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: O iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa (org). **Teoria da Cultura de Massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

AGROLINE. **Agronegócio bate novo recorde de exportações**. Disponível em: [www.agronline.com.br/agronoticias/noticia.php?id=1895](http://www.agronline.com.br/agronoticias/noticia.php?id=1895) (2005, acesso em 21 de novembro de 2005)

CPS/UFJF. **Anuário Estatístico de Juiz De Fora 2005** (CD room).

DIREÇÃO GERAL DE COMERCIALIZAÇÃO. Disponível em: [http://comercial.redeglobo.com.br/programacao\\_rural/gr](http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_rural/gr) (acesso em 24 de outubro de 2005)

\_\_\_\_\_. **Mapa da Mina**. Disponível em: [http://www.comercial.redeglobo.com.br/informacoes\\_de\\_mercado\\_mercado\\_alvo/mercado\\_alvo\\_intro.php](http://www.comercial.redeglobo.com.br/informacoes_de_mercado_mercado_alvo/mercado_alvo_intro.php) (acesso em 26 de outubro de 2005)

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005).

ELIAS, Eduardo. Público urbano também cultua 'Globo Rural'. O Estado de São Paulo, São Paulo, 12 de outubro de 1997. In: **Banco de Dados TV-Pesquisa - Documento número: 47024**. Disponível em <http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/> (acesso 14 de abril de 2005).

EVANGELISTA, Francisco R. **A Agricultura Familiar no Brasil e no Nordeste**. Disponível em: [http://www.bancodonordeste.com.br/content/Aplicacao/ETENE/Rede\\_Irigacao/Docs/Agricultura%20Familiar%20no%20Brasil%20e%20no%20Nordeste.PDF](http://www.bancodonordeste.com.br/content/Aplicacao/ETENE/Rede_Irigacao/Docs/Agricultura%20Familiar%20no%20Brasil%20e%20no%20Nordeste.PDF) (2000, acesso 20 de setembro de 2005).

GENTILE, Paola. **Um mundo de imagens para ler**. Disponível em: [www.novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/161\\_abe03/html/repcapa](http://www.novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/161_abe03/html/repcapa) (2005, acesso 30 de junho de 2005)

GLOBO RURAL. Disponível em [www.globorural.com](http://www.globorural.com) (acesso em 02 setembro de 2005)

GOMES, Itania. **A atividade do receptor, um modo de se conceber as relações entre Comunicação e Poder**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/viii-sipec/gt03/37-Itania%Gomes%20-%20trabalho%completo.htm> (sem data de publicação, acesso 15 de setembro de 2005).

GUIMARÃES, Elione Silva e GUIMARÃES, Valéria Alves. **Aspectos Cotidianos da Escravidão em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Funalfa, 2001.

HAMBURGER, Esther. "Globo Rural" merecia horário melhor. Folha de São Paulo, São Paulo, 05 de janeiro de 2000. In: **Banco de Dados TV-Pesquisa - Documento número: 53716**. Disponível em <http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/> (acesso 14 de abril de 2005).

JACINTO, Etiene. 'Globo Rural' lidera manhãs de domingo. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 de abril de 2002. In: **Banco de Dados TV-Pesquisa - Documento número: 77681**. Disponível em <http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/> (acesso 14 de abril de 2005).

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO - INCRA/FAO. **Novo retrato da agricultura familiar. O Brasil redescoberto**. Brasília: MDA/INCRA, 2000.

MARINHO, Danielle e NUNES, Janaina. **Telejornais e Crianças: um estudo de recepção infantil**. Projeto Experimental apresentado à Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2º semestre de 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro W. (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações: comunicação cultural e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MELO, José Marques de. **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

NETO, Antonio F. A deflagração do sentido. Estratégias de produção e de captura da recepção. In: SOUZA, Mauro W. (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

OROZCO, Guillermo. Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisas. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo: [10], 1997.

PIERRY, Marcos. 'Globo Rural' ganha versão diária, O Estado de São Paulo, São Paulo, 01 de outubro de 2000. In: **Banco de Dados TV-Pesquisa - Documento número: 59616**. Disponível em <http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/> (acesso 14 de abril de 2005).

POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio R. **Teorias da Comunicação: o pensamento e a prática da comunicação social**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

PRONAF. **Plano Safra 2005/2006**. Disponível em: [http://www.pronaf.gov.br/home\\_2005.pdf](http://www.pronaf.gov.br/home_2005.pdf) (2005, acesso 15 de setembro de 2005).

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa: Projetos para Mestrado e Doutorado**. São Paulo: Hacker, 2002.

[SILVA, Gislene. O imaginário rural do leitor urbano: o sonho mítico da casa no campo. \[S.L.: 2000?\]. Disponível em http://www.agricoma.com.br/rev1artigosgiselenesilva.htm. \(2000, acesso 01 de junho de 2005\).](http://www.agricoma.com.br/rev1artigosgiselenesilva.htm)

SOUSA, Jakeline de. **Globo Rural: a cultura popular na mídia**. Projeto Experimental apresentado à Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1º semestre de 1996.

SOUZA, Mauro W. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: SOUZA, Mauro W. (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

STERTZ, Marilene. O rádio nos assentamentos rurais. In: MARQUES DE MELO, José; PERUZZO, Cecília M. K. e KUNSCH, Waldemar Luiz (orgs). **Mídia, regionalismo e cultura**. São Paulo: Umesp e UPF, 2003.

TOSHI, Mirza S. **Pedagogia e Comunicação: uma fértil aproximação epistemológica**. Disponível em: [http://www.educaonline.pro.br/pedagpgia\\_e\\_comunicacao.asp?id\\_artigo=375](http://www.educaonline.pro.br/pedagpgia_e_comunicacao.asp?id_artigo=375) (sem data de publicação, acesso 27 de outubro de 2005).

TRIGUEIRO, Osvaldo. **O Estudo Científico da Comunicação: Avanços Teóricos e Metodológicos ensejados pela Escola Latino-Americana**. Disponível em: <http://www.2.metodista.br/unesco/PLCA/revista6/artigo%206-3.htm> (sem data de publicação, acesso 16 de outubro de 2005).

\_\_\_\_\_. **Globalização e Identidade Cultural: o impacto da televisão numa comunidade rural paraibana (Nordeste do Brasil)**. Disponível em: <http://ubista.ubi.pt/~comum/trigueiro-osvaldo-globalização-identidade.html> (sem data de publicação, acesso 16 de outubro de 2005).

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1987.

## ANEXOS

### ANEXO 1

#### EDIÇÃO DE 30 DE OUTUBRO DE 2005

##### 1º BLOCO (de 8h às 8h 09' 24'')

O primeiro bloco foi formado por apenas uma reportagem – “É preciso cuidado”, do repórter Eli Franqui – que abordou os cuidados técnicos que os pecuaristas deveriam ter com a vacina contra a aftosa para que ela não perca a eficácia. Inicialmente, foi relatada a situação de alguns criadores do Mato Grosso de Sul que mesmo vacinando o rebanho não conseguiram impedir a contaminação.

O médico veterinário Roberto Hunziquer, da Defesa Agropecuária do Estado de São Paulo, explicou passo a passo as nove regras mais importantes para se garantir uma vacinação eficiente. Durante a explicação um fazendeiro foi usado didaticamente como personagem, servindo como exemplo em todo o processo.

As regras abrangiam aspectos como a estocagem na loja, o transporte até a propriedade, como a vacina deveria ser armazenada, cuidados com o equipamento, forma correta de se vacinar e documentação. Ao telespectador foi indicado que o melhor procedimento seria vacinar o rebanho no dia da compra do medicamento. Estocar, só em último caso. Ele ainda foi alertado para os cuidados que se deveria ter na hora de comprar gado de terceiros.

##### 2º BLOCO (de 8h 12' 17'' às 8h 24' 45'')

“Um caminho suspeito” abriu o segundo bloco. Na época, havia uma suspeita que a febre aftosa tivesse chegado ao Paraná. Vico Iasi fez o trajeto percorrido pelos

caminhões boiadeiros que poderiam ter levado o vírus do Mato Grosso do Sul ao gado paranaense.

Também foram mostrados os esforços do governo para se impedir a contaminação, como o uso de barreiras sanitárias e um amplo rastreamento que resultou na interdição, em caráter preventivo, de 44 propriedades. Uma das maiores preocupações foi a realização da Eurozebu. Dentre os animais vendidos no evento, cerca de 300 vieram de áreas infectadas e entraram no Paraná 10 dias antes da confirmação do primeiro foco.

Outro grave problema apontado foi o prejuízo das cooperativas e o medo dos trabalhadores em função da paralisação do comércio de leite cru. São Paulo e Santa Catarina tinham proibido a compra de leite cru paranaense. Novos testes seriam realizados pelo Ministério da Agricultura para confirmar se havia ou não a contaminação do gado.

A reportagem ouviu um veterinário, fazendeiros e trabalhadores.

A apresentadora Helen Martins deu seqüência ao programa com a cotação da arroba do boi. Logo em seguida, a matéria “Soja mais tarde”, de Fábio Mezzacasa, falou sobre o atraso do plantio da soja em Mato Grosso. Na cidade de Lucas do Rio Verde os agricultores foram obrigados a adotar outras estratégias por causa da irregularidade do clima. Um produtor foi usado como exemplo.

Depois foi a vez dos destaques no campo na semana: uma operação da Polícia Federal em conjunto com o Ibama e Ministério Público contra a falsificação de guias de transporte de produtos florestais resultou na prisão de 35 pessoas em seis estados; técnicos da Agência de Defesa Animal estavam capturando morcegos hematófagos, a raiva já tinha feito 20 vítimas no Maranhão; o jornalista do Globo Rural, José Hamilton Ribeiro, foi homenageado pelos 50 anos de carreira durante a abertura do congresso Internacional de Jornalismo Investigativo no Rio de Janeiro; vaca que nasceu com úbere nas costas foi operada em Descalvado, São Paulo; chuva voltava à Região Norte e o nível dos rios começava a subir;

chuva no sertão de Sergipe deixara a paisagem mais florida. Os fatos foram narrados de forma rápida e resumida, sempre acompanhados por imagens.

“Produtor satisfeito”, de Daniela Golfieri, encerrou o bloco. A reportagem foi sobre o aumento da produção de borracha no noroeste de São Paulo, e como o segmento apresentava boas perspectivas (exemplificado com o depoimento de dois produtores), informando que a demanda nacional é muito maior do que a oferta.

### 3º BLOCO (de 8h 27' 45'' às 8h 34' 20'')

Este começou com o anúncio dos cursos e eventos da semana: curso sobre controle de verminose em pequenos ruminantes em Curitiba; encontro de apicultores em Cuiabá; festival de pesca em Itaguatins, Tocantins; festival de pesca em Piracicaba, São Paulo; No Rio Grande do Sul, Festa da amora e do morango de Feliz, Exposição em São Francisco de Paula e feira da mandioca em Três Passos; concurso de qualidade do café em Manhuaçu, Minas Gerais; vaquejada em Castro Alves, Bahia; encontro de cooperativismo em Joinville, Santa Catarina.

“Ataque das abelhas”, de César Dassie, deu início às respostas da seção de cartas. Um apicultor de Belo Horizonte foi ferroadado pelas abelhas ao capinar o terreno do apiário. A dúvida era como realizar o trabalho sem ser atacado. A resposta veio de um apicultor de São Paulo, que explicou todo o procedimento: a importância da vestimenta correta, uso de telas de proteção que permitam a ventilação da colméia, uso de fumaça e o melhor horário para se realizar a tarefa.

Logo após foi mostrada a carta de uma telespectadora de Cianorte, Paraná, cujo pai estava tendo problemas com a traça-do-tomateiro (doença do tomate). O apresentador Nelson Araújo indicou um folheto da Epamig que custava R\$ 06,00 reais. O endereço da instituição foi mostrado em uma arte gráfica e lido duas vezes pelo apresentador.

A última dúvida esclarecida foi sobre um “Sapotizeiro sem frutos”. A apresentadora Helen Martins, antes de entrar no assunto da carta, mostrou alguns frutos colocados em um prato. Ela chegou, inclusive, a abrir um deles com uma faca, explicando características do fruto. Depois contou o caso de uma senhora do Rio de Janeiro que plantou um sapotizeiro há sete anos e ele nunca deu fruto. A repórter Ana Dalla Pria consultou um especialista do IPA (Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária) que aconselhou que se plantasse uma nova muda enxertada próximo à árvore.

#### 4º BLOCO (de 8h 38' 06'' às 8h 55' 30'')

O último bloco trouxe “Pasto colorido”, assinada pelo próprio Nelson Araújo. Em 20 de novembro de 1988, a artista e pecuarista gaúcha, Liciê Hunsche, 81, escreveu uma carta ao programa convidando para conhecer sua criação de ovelhas de uma raça conhecida como karacul. No princípio da reportagem, se falou da história, origem e características da raça como a grande adaptabilidade às condições físico-climáticas do país e principalmente sua surpreendente variedades de cores – preto, marrom escuro e claro, bege, rosa, cinza, azulado, entre outras – daí o nome da matéria. Trechos da carta descrevendo esse tipo de ovelha foram lidos pela própria produtora.

Pode-se dizer que em vários momentos o lado rural deu lugar ao lado humano. A propriedade foi apresentada ao telespectador por meio de belas imagens. A própria história de como foi o começo dessa criação no Brasil estava intimamente ligado à vida de Liciê. Abalada pela perda de um filho na década 1970, encontrou na tapeçaria uma atividade que a ajudou a superar a dor. Em 1981, ela fez a primeira importação.

Um veterinário falou sobre as características da raça karacul, como o porte, a forma diferente de armazenamento de gordura que resulta numa carne mais saudável. Para provar esta qualidade, dois chefs de um restaurante desenvolveram duas receitas.

A matéria terminou em uma visita ao ateliê de Liciê Hunsche, onde foi mostrado o processo artesanal de fabricação de tapetes, alguns detalhes da produção, além da exposição de algumas peças. O fechamento foi feito com um breve panorama da criação desse tipo de ovelha no país e com o anúncio do congresso mundial da raça karacul a ser realizado em Porto Alegre em 2009.

## ANEXO 2

### **EDIÇÃO DE 06 DE NOVEMBRO DE 2005**

#### 1º BLOCO (de 8h às 8h 10' 35'')

Assim como na edição anterior, o primeiro bloco exibiu apenas uma reportagem. “Chip no gado”, de José Hamilton Ribeiro, falou sobre um novo método de monitoramento que permite acompanhar o desenvolvimento de cada animal do rebanho individualmente desde o nascimento até o abate. Esta era a finalidade de um chip eletrônico que estava sendo testado no confinamento experimental da Embrapa de Campo Grande. Durante a reportagem, um pesquisador mostrou como se devia proceder para se introduzir o equipamento tanto no animal adulto quanto na rês.

Ele também esclareceu como as várias etapas da criação, como a cura do umbigo, vacinação, ganho de peso, entre outros, podiam ser registradas com total precisão, utilizando aparelhagem eletrônica relativamente simples. O computador da propriedade poderia ser conectado ao Sistema Nacional de Rastreamento Bovino (SISBOV) para garantir o critério de rastreabilidade. Um peão, ao ser entrevistado, afirmou não ter tido dificuldade de adaptação ao uso do material.

Por fim, a apresentadora Helen Martins fez uma espécie de cálculo explicando quanto se gastaria para implantar essa tecnologia em um rebanho de 100 cabeças e divulgou o endereço da Embrapa de Campo Grande para mais informações.

2º BLOCO (de 8h 13' 35'' às 8h 23' 36'')

“Previsão otimista”, de Rita Yoshimine, foi a respeito de um levantamento realizado pela Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), divulgado em 03 de novembro. De acordo com o levantamento, a área plantada de todas as culturas poderia ter uma redução de 5,7%, todavia, a Conab estimava um aumento de 10% na produção de grãos (19% do milho primeira safra e 14% da soja), o que significaria uma colheita recorde.

Conforme o Secretário Executivo do Ministério da Agricultura, Luís Carlos Guedes, houve uma seca atípica no Sul e Centro-Sul do país em 2004. Em 2005, condições climáticas mais propícias tinham proporcionado um aumento da produção em relação aquele ano.

Em seguida, Néelson Araújo apresentou os destaques da semana: começava a piracema em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A pesca na bacia do rio Paraguai estava proibida durante o período; excesso de chuvas prejudicava as lavouras de feijão e atrasava o plantio da soja. No norte do estado, o ataque de pombas comprometia o desenvolvimento das plantações de soja; no Rio Grande do Sul, a colheita de trigo começou com preço baixo e retração de 20% em relação ao ano anterior; a Fundação Oswaldo Cruz confirmou dois casos de febre maculosa em Itaipava, Rio de Janeiro; o Maranhão registrou o maior número de queimadas em outubro; na Bahia incêndio na Chapada Diamantina destruiu 15 mil hectares de mata; três filhotes de onça Parda escaparam de um incêndio em um canavial em Mato Grosso do Sul. Logo após, foi apresentada a cotação do boi.

“Vacina em falta”, de Roberta Manreza, teve como tema a apreensão em alguns estados diante da falta de vacina para o início da segunda etapa de vacinação contra aftosa. No Piauí, um pequeno produtor estava preocupado com o caso. Um dono de uma casa agropecuária disse que alguns laboratórios alegaram falta da vacina. Em Sergipe, 850 mil animais precisavam ser vacinados, mas o estado tinha recebido somente 270 mil doses. O Coordenador da Defesa Agropecuária do estado, Paulo Roberto Silva, afirmou que parte dos laboratórios teve a vacina rejeitada por problemas de eficiência, ocasionando o atraso na entrega.

No entanto, o presidente do Sindan, Sindicato Nacional de Produtos para Saúde Animal, Emílio Salani, disse que, apesar do atraso, a demanda seria atendida.

Já a reportagem “Caos com a aftosa”, de Honório Jacometto, abordou a dificuldade enfrentada pelo município de Japorã (MS), o mais afetado pela aftosa. Segundo o prefeito da cidade, Rubens Marinho, as vendas do comércio tinham caído em 60% e a arrecadação de ICMS sofrera um baque significativo. Devido à proibição da venda do leite os laticínios foram fechados e funcionários cumpriam aviso prévio. Trabalhadores e comerciantes cobravam soluções do governo.

Em um assentamento, uma pequena produtora estava preocupada. Seu lote ficava cercado por outros onde foi constatada a presença do vírus. Na escola rural foi montado um posto para se cadastrar os assentados que viviam da venda do leite. Eles receberiam uma ajuda em dinheiro até a liberação da área.

Barreiras sanitárias faziam a desinfecção dos veículos que trafegavam na região. Foram abertas valas para se enterrar os animais sacrificados.

3º BLOCO (de 8h 27' 25'' às 8h 36' 46'')

Inicialmente foi divulgada parte dos cursos e eventos da semana: simpósio sobre óleos essenciais em Campinas, São Paulo; encontro de produtores de café em Castelo, Espírito Santo; Curso de preservação genética de animais domésticos em Teresina, Piauí; simpósio sobre Peixes em Botucatu, São Paulo; feira sobre cana-de-açúcar e álcool na cidade de São Paulo; semana de tecnologias para a agricultura familiar em São Luís, Maranhão; em Minas, congresso de raças zebuínas em Uberaba, seminário de armazenagem em Uberlândia e encontro da mulher rural em Guaraciama.

A primeira matéria da seção de cartas foi uma resposta a um e-mail (explicado como correio eletrônico pela apresentadora) de São José do Rio Pardo, São Paulo. Em “Combate ao pulgão”, de Camila Marconato, um agrônomo de Jandira, São Paulo, falou dos problemas causados às plantas pelos pulgões, sobre como poderia ser feita a prevenção tomando cuidados com a horta e o balanceamento do solo. Um técnico agrícola ensinou como fazer uma receita à base de fumo para combater a praga e o modo de se proceder durante e após a aplicação.

Um telespectador de Campinas queria começar uma plantação de café, e escreveu pedindo orientação ao programa. Foi indicada a compra de um folheto contendo detalhes sobre a produção do café, que podia ser adquirido na Cati, Coordenadora de Assistência Técnica da Secretaria de Agricultura de São Paulo.

O fechamento da seção de cartas foi feito com a reportagem “Cabra com casco grande”, de César Dassie. Um produtor da cidade de Sabugueiro, Santa Catarina, contou o caso de uma cabra de sua criação cujos cascos cresceram tanto que ela mal conseguia andar. Um veterinário, especialista em cabras, apresentou um animal com as mesmas características descritas anteriormente. Afirmou tratar-se de um problema comum de criações em confinamento, devido à falta de desgaste natural dos cascos. Logo depois, ele realizou todas

as etapas do casqueamento (aparamento das bordas dos cascos), explicando didaticamente cada uma delas, e ressaltando o fato de que o procedimento deveria ser feito periodicamente. Por fim, a apresentadora preveniu sobre uma outra possível doença, com sintomas parecidos, mas que carece de maiores cuidados. Como sempre acontece, foi informado o endereço da seção de cartas.

Em seguida, Helen Martins anunciou as festas da semana: festa do porco em Colider, Mato Grosso; em Santa Catarina, festa do marisco em Palhoça e festival de flores em Joinville; no Paraná, festa do carneiro em Maringá, e em Londrina, festa do gado e da mandioca; festa da banana em Santa Bárbara do Tugúrio, Minas Gerais; na Bahia, cavalgada em Santa Bárbara, festa da argolinha em Iraquara, concurso da vaca mijona em Conceição do Almeida e corrida de Jegue de Afligidos a São Gonçalo dos Campos

4º BLOCO (de 8h 40' 06'' às 8h 56' 10'')

“Comércio internacional de flores”, de Ana Dalla Pria, fez o encerramento da edição. Segundo a reportagem, a produção de flores tropicais poderia alavancar a participação do Brasil num mercado que movimentava 9 bilhões de dólares por ano.

A matéria contou como começou o cultivo dessas plantas em Pernambuco, um dos principais produtores. Em 1930, Roberto Burle Marx, paisagista reconhecido internacionalmente, projetou e construiu três praças em Recife usando plantas tropicais como base do paisagismo. Entretanto, o cultivo comercial é recente. Na década de 1990, produtoras pioneiras foram a vários países que possuíam tradição nesse tipo de cultivo em busca de informações.

A exportação de flores tropicais vinha chamando a atenção de sitiantes e fazendeiros da região. Alguns destinaram uma pequena parte da propriedade para a cultura de flores. De acordo com um produtor, a lucratividade era de 30% a 35%. Todavia, o custo para

a implantação e manutenção do cultivo era alto. Um dos entrevistados calculou um gasto de R\$ 40.000,00 por hectare na implantação, e uma média mensal de R\$ 6.000,00 na manutenção de quatro hectares.

Outra questão era a necessidade de atingir as qualificações exigidas pelo mercado externo. Para a presidente da Reciflora, Associação dos Produtores de Flores Tropicais de Pernambuco, Maria do Carmo Teixeira, a preocupação com qualidade, diversidade e padronização deveria ser constante e exige uma série de cuidados.

A cultura de flores foi apresentada como uma alternativa para pequenas propriedades.